

BoletimTak!

AGENDA CULTURAL POLÔNIA BRASIL - Número 25 - Maio / Junho 2022





Elenize Dezgeniski



Elenize Dezgeniski. Foto: Mariana Freitas

Artista visual, fotógrafa e atriz. Desenvolve trabalhos em fotografia, vídeo, instalações, curadorias, publicações e inserções em discursos / circuitos híbridos. Atualmente, investiga as relações entre imagem, tempo,

palavra, memória e narrativa. Mes-tranda em Artes Visuais pela UDESC, Especialista em História da Arte Moderna e Contemporânea pela EMBAP e Bacharel em Interpretação Teatral pela FAP. Autora do livro *Gesto Contínuo – fotografia de cena* (Curitiba, 2019).

Vermelho 03 (2018) - Título da imagem da capa, é o terceiro tempo de uma série de trabalhos que investiga relações entre corpo, paisagem e subjetividade, propondo reflexões sobre a dilatação do tempo e ações de descontinuidades, apresentadas em performances, vídeos e fotografias. “Nesta imagem, especificamente, eu estava muito tocada pela situação dos imigrantes Sírios e pela recém descoberta da história do nascimento da minha bisavó polonesa num navio e do lançamento do corpo de sua mãe ao mar”.

Polonidade - Sou fruto de uma misturinha de imigrantes poloneses, por parte de pai, com italianos, por parte de mãe. E, como muitas das histórias de descendentes de imigrantes, a minha é cheia de lacunas e com muita coisa a ser desvendada. Meus bisavós paternos nasceram na colônia de Grão Pará em Santa Catarina. Minha bisavó Margarida Fabishaki nasceu a bordo do navio, quando sua mãe faleceu no parto e teve o corpo lançado ao mar. Nunca fizemos uma árvore genealógica da família, para saber exatamente as datas de chegada. Sei que ela vinha da região da Cracóvia. Imagino que a vinda tenha se dado por volta de 1890, por conta das datas de nascimento dos filhos.

Margarida casou-se com Jan Drzeniski. Sobre o Jan sei muito pouco, não sei se era polonês ou se era filho de poloneses. Desse casamento nasceu Waldemiro Drzeniski,

BoletimTak!

AGENDA CULTURAL POLÔNIA BRASIL
Número 25 - Maio / Junho 2022

Editora Chefe: Izabel Liviski

Diagramação: Axel Giller e Bruna Brugnolli Brescancini

Correspondente Internacional: Everly Giller

Revisão e tradução para o polonês: Mariano Kawka

Assistente de Revisão: Mari Inês Piekas

Capa: Elenize Dezgeniski

REALIZAÇÃO:

Casa da Cultura Polônia Brasil

APOIO:

Consulado Geral da República da Polônia em Curitiba

Convidamos os interessados a anunciar suas empresas e seus produtos em nossas páginas.

Contato:

takpoloniabrasil@gmail.com

Os editores do TAK! não se responsabilizam pelas opiniões, ideias e conceitos emitidos nos textos e artigos publicados, por serem de inteira responsabilidade de seu(s) respectivo(s) autor(es).



EDITORIAL

Em mais uma edição especial, o TAK! traz um caderno sobre mulheres polonesas notáveis em variadas áreas das artes e da ciência, destacando Fayga Ostrower, Irena Sendler, Marie Curie, Eugênia Miszke, Ludovica Karaz, as poetisas Wisława Szymborska e Anna Świrszczyńska e algumas pioneiras da fotografia na Polônia. Em nossa capa, o belíssimo trabalho fotográfico de Elenize Dezgeniski, “Vermelho 3” uma obra de arte que vem muito a propósito deste caderno. Nossa entrevistada é Danuta Lisicki Abreu, o que vem abrilhantar sobremaneira esta edição.

A Casa da Cultura Polônia Brasil retomando as festividades presenciais comemorou junto a associados, autoridades e convidados, algumas datas de grande importância como o Dia da Diáspora Polonesa e dos Poloneses no Exterior, Dia da Bandeira Nacional Polonesa, Dia da Promulgação da Constituição Polonesa e o Dia da Imigração Polonesa em Curitiba. Em meio a essas celebrações, foi realizada a abertura da exposição “*A arte do Wycinanki de Emília Piaskowski*”, onde os presentes puderam apreciar o esmero e beleza do trabalho de D. Emília, falecida recentemente.

Esta edição traz ainda o lançamento do livro “Poloneses para o Brasil” (*Polacy dla Brazylii*), em publicação ilustrada, bilingue, escrito pelo professor Jerzy Mazurek e pelo embaixador Marek Makowski, a continuação da saga de duas artistas paranaenses no Diário de Bordo, as Memórias de um Cônsul Aposentado com suas histórias peculiares, mais uma lição do professor Mariano Kawka na seção Desvendando a Língua Polonesa e uma deliciosa receita do Chef Greg, o *Czebureki*, desta vez um prato ucraniano em homenagem aos nossos irmãos do leste europeu.

Apreciem sem moderação, *Zapraszamy!*

Izabel LIVISKI
Editora Chefe.

NOSSA CAPA - NASZA OKŁADKA

pai do meu pai. Waldemiro casou-se com Helena Kraieski, que era filha de Júlia Kraieski e de Cassimiro Kracheski. Por volta da década de 40 houve, pelo que me contaram, um programa do governo brasileiro em que os colonos abriam estradas e em troca lhes era concedido um pedaço de terra para viverem. Meu avô participou dessa ação. Tenho uma foto bem legal desse momento, com a data exata na legenda. Então, por conta disso, mudaram-se para Alto Catangara SC, onde tiveram cinco filhos. Com os filhos, em casa, falava-se e rezava-se em polonês. Minha tia conta que foram aprender português quando entraram na escola.

Foi em Alto Catangara que o sobrenome começou a ser modificado, pois o tabelião do lugar dizia que “o Brasil não era a Polônia” e por conta própria começou a abrigar a grafia do sobrenome. Daí surge Dezgeniski, Dezeniski, Degeniski, e assim vai... Cada filho tem o sobrenome grafado de maneira diferente. Alguns poucos primos conservam a grafia original. Como se o sobrenome fosse rolando nas mãos do tabelião e com isso perdendo as consoantes.

Helena e Waldemiro viviam da lavoura e também dos trabalhos de marcenaria de Waldemiro, que construiu a maioria das casas da peque-

na vila, em estilo polonês, com ornamentos e pinturas de flores coloridas. Tive a oportunidade de ver algumas. Sei que ele guardava no sótão as melhores tábuas de madeiras para fazer os caixões quando alguém da comunidade falecia. No final da década de 70 a família mudou-se para Curitiba. Em 1981, eu nasci. Guardo boas memórias da infância ao lado deles, da casa de madeira construída por meu avô, do pão feito no forno à lenha no quintal e das tradições religiosas da minha avó. Das histórias da colônia. E de uma vida muito simples e feliz junto deles.

ESPAÇO CCPB

A Casa da Cultura Polônia Brasil (CCPB) celebra, no mês de maio, várias datas importantes

O dia 06 de maio foi um dia de grandes comemorações da Casa da Cultura Polônia Brasil junto aos seus associados, amigos e convidados. Foram celebradas quatro datas que merecem destaque pela sua importância: Dia da Diáspora Polonesa e dos Poloneses no Exterior, Dia da Bandeira Nacional Polonesa, Dia da Promulgação da Constituição Polonesa e o Dia da Imigração Polonesa em Curitiba.

O **Dia da Diáspora Polonesa e dos Poloneses no Exterior**, celebrado em 02 de maio, foi instituído em 2002 pelo Senado da República da Polônia, em homenagem aos des-

cendentes e poloneses que sempre estiveram ao lado da Polônia em todos os seus momentos, e que honram este país, apoiando-o, representando-o e disseminando a cultura polonesa onde quer que vivam. Outra data que merece destaque, também celebrada em 02 de maio, é o **Dia da Bandeira Nacional Polonesa**, estabelecida em 01 de agosto de 1919 e que compõe o conjunto de símbolos oficiais da Polônia. Suas cores branca e vermelha são designadas como cores nacionais desse país. O dia 02 de maio também passou a ser uma data de muito orgulho para os descendentes de poloneses,

que passaram a comemorar, desde o dia 25 de agosto de 2005, o **Dia Municipal da Imigração Polonesa em Curitiba**, sob a Lei nº 11.553, em homenagem ao povo desta etnia que aqui vive e trabalha e que, desde sua chegada em 1871, tem contribuído não só para o desenvolvimento desta cidade, mas também do nosso estado e nosso país. O **Dia da Constituição Polonesa**, promulgado dia 03 de maio de 1791, tornou-se data comemorativa para os poloneses, dada sua proeminência entre as primeiras constituições modernas, merecendo destaque o seu grande caráter humanitário.



Equipe da Casa da Cultura Polônia Brasil no evento comemorativo. Foto / Zdjęcie: Célia Deina



Na ocasião de tantas celebrações, foi realizada a abertura da exposição *"A arte do Wycinanki de Emília Piaskowski"*, onde a comunidade pôde apreciar, a beleza do trabalho de D. Emília. Essa antiga expressão popular oriunda da Polônia é elaborada com minuciosas dobraduras e recortes em papéis coloridos. A artista curitibana é descendente de poloneses, ministrou inúmeros cursos desta técnica e desenvolveu seu próprio estilo com temas florais, araucárias, pinhões, galos e pássaros, tornando-se uma referência da técnica no Brasil.

Um outro momento importante do dia foi a eleição da nova diretoria da Casa da Cultura Polônia Brasil, diretoria que foi reeleita para a gestão de 04 de julho de 2022 a 03 de julho de 2024, tendo como uma das principais metas a disseminação da cultura polonesa e a continuidade do dedicado trabalho que vem desenvolvendo.

A Casa da Cultura Polônia Brasil, em nome de seu Presidente Sr. João Carlos Cwiklinski e membros da equipe, agradece a todos que estiveram presentes, ao Consulado da República da Polônia em Curitiba, representado pela Vice-Cônsul Sra. Elżbieta Proga, e aos representantes de diversas instituições polônicas do Paraná e Santa Catarina, pelo prestígio ao evento. Também, parabeniza os colaboradores e alunos que receberam os convidados e abrilhantaram o evento com canto e poesia polonesa.

Equipe CCPB:
Bernardete SALAMAIA
Mari Ines PIEKAS

Dom Kultury Polska Brazylia (CCPB) **świątuje ważne dni w maju**

Dzień 6 maja był dniem wielkich obchodów w Domu Kultury Polska Brazylia wraz z jej współpracownikami, przyjaciółmi i gośćmi. Obchodzono cztery daty, które zasługują na uwagę ze względu na ich znaczenie: Dzień Polonii i Polaków za Granicą, Dzień Flagi Rzeczypospolitej Polskiej, Rocznica uchwalenia Konstytucji 3 Maja oraz Dzień Imigracji Polskiej w Kurytybie.

Inną wartą wspomnienia datą, obchodzoną również 2 maja, jest Dzień Flagi Rzeczypospolitej Polskiej ustanowiony 1 sierpnia 1919 roku. Kolory biało-czerwone są

oficjalnymi barwami narodowymi spisanymi w Konstytucji RP. 2 maja stał się również bardzo honorową datą dla polskich potomków, którzy od 25 sierpnia 2005 r. zaczęli obchodzić Miejski Dzień Emigracji Polskiej w Kurytybie, przyjęty przez ustawę nr 11.553, ku czci ludności tej grupy etnicznej zamieszkującej i tutaj pracującej. Od czasu przybycia w 1871 r. społeczność polska przyczyniła się nie tylko do rozwoju tego miasta, ale także naszego stanu i naszego kraju. Rocznica uchwalenia Konstytucji ogłoszona 3 maja 1791 r. stała się dla Polaków datą upamiętniającą, ze względu na jej wyeksponowanie wśród pierwszych konstytucji nowożytnych, zasługująca na swój wielki humanitarny charakter.

Z okazji tak wielu uroczystości odbyła się inauguracja wystawy: „Sztuka Wycinanek Emilii Piaskowskiej”, na której społeczność mogła docenić piękno twórczości śp. Pani Emilii. Ta dawna i popularna technika plastyczna z Polski, opracowana z drobiazgowych zagięć i wycinanek z kolorowego papieru, była prowadzona przez wielką artystkę (polskiego pochodzenia) z Kurytyby. Prowadziła liczne kursy z owej techniki i wypracowała własny styl z motywami kwiatowymi, araukariami, orzeszkami pinii, kogutami i ptakami, stając się odniesieniem nieniejszej tej techniki w Brazylii.

Kolejnym ważnym momentem tego dnia były wybory nowego zarządu Domu Kultury Polska Brazylia, który został ponownie wybrany na kadencję od 4 lipca 2022 do 3 lipca 2024, mając jako cele upowszechnianie kultury polskiej oraz ciągłość rozwijania własnej pracy.

Dom Kultury Polska Brazylia, w imieniu swojego Prezydenta Pana João Carlosa Cwiklińskiego oraz współpracowników dziękuje wszystkim obecnym: konsulatowi RP w Kurytybie reprezentowanej przez wicekonsul Panią Elżbietę Progę oraz przedstawicielom polskich instytucji w Paranie i Santa Catarina za obecność. Gratuluje również współpracownikom i studentom, którzy przywitani gości i ożywili to wydarzenie polską poezją i śpiewem.

Członkinie Domu Kultury:
Bernardete SALAMAIA
Mari Ines PIEKAS

Tradução para o Polonês:
Carolina S MOENIKI



Fayga Ostrower – Centenário (1920|2020)

Foi com muita emoção que comemoramos em 2020 o centenário de nascimento de Fayga. Ainda mais num momento em que, no Brasil, a arte, a cultura, a ciência, a educação e outras áreas do conhecimento são vistas como inimigos, justo por aqueles que deveriam ser os primeiros a preservar o patrimônio cultural do país. Logo que Fayga morreu, em 2001, comecei a trabalhar em sua casa. No início não conseguia tirar nenhum móvel do lugar - queria preservar seu mundo intacto, tentando imaginar o que ela gostaria que se fizesse com tudo o que deixou. Mas, com o tempo, fui

mudando o que era necessário para o trabalho fluir. Em 2002 criamos o Instituto Fayga Ostrower. Não vou escrever aqui sobre nossas atividades, que estão no site <www.faygaostrower.org.br>.

Dando um salto no tempo, em 2016 começamos a pensar no centenário de nascimento da artista, em 2020. Vamos lembrar que, após o golpe de estado em 2016, a primeira ação do governo foi extinguir o Ministério da Cultura. A grande questão era: como celebrar Fayga à altura de sua importância, mas sem dinheiro? Sempre ouvi minha mãe falar que a arte é um patrimônio da

humanidade. E ela nos deixou um legado precioso. Foi isso que inspirou a criação do **Programa de doação de obras de Fayga para o Brasil e para o exterior**. Privilegiamos museus e universidades públicas, como forma de garantir o acesso democrático ao acervo doado. Como contrapartida, cada instituição se responsabilizou pelo transporte das obras e se comprometeu a homenagear Fayga em 2020.

Foram contemplados 16 estados do Brasil. O balanço até o momento é de 1741 obras doadas (gravuras, desenhos e aquarelas), 220 matrizes (de metal e de madeira), bem como 1467 publicações. Esses números ainda vão crescer, pois, devido à pandemia Covid-19, várias instituições ainda não vieram buscar as doações. Com essas doações honramos a trajetória de vida de Fayga, sempre voltada para a criação artística e a democratização do ensino da arte. Fico imaginando o que meus pais diriam sobre os tempos atuais. Já vivemos isso antes e é trágico ver a histó-

ria se repetir em tão pouco tempo.

Sou conhecida como filha de Fayga, mas também sou filha de Heinz. Meu pai nasceu na Alemanha. De família judia, era socialista e lutava contra o nazismo quando, aos 20 anos, foi preso e ficou três anos na cadeia. Quando foi solto, perdeu a nacionalidade alemã e foi deportado da Europa, política utilizada para impedir que os esquerdistas fossem lutar contra Franco, na Espanha. Veio para o Rio de Janeiro em 1937, onde já morava seu irmão, e depois trouxeram seus pais. Aqui, por ser alemão, meu pai foi visto de novo como inimigo, quando o presidente Getúlio Vargas decidiu apoiar os americanos.

A família de minha mãe tinha emigrado na década de 20 da Polônia para a Alemanha. O casal Krakowski e os quatro filhos também fugiram do nazismo, primeiro da Alemanha para a Bélgica e, depois de um ano, conseguiram vir para o Rio de Janeiro, chegando em 1934. Dos dois lados da família quase ninguém sobreviveu na Europa.

Os primeiros anos no Rio de Janeiro não foram nada fáceis. Fayga Krakowski e Heinz Ostrower se conheceram na Livraria Kosmos, frequentada por exilados e intelectuais brasileiros de esquerda. Casaram-se em 1941 e, em 1949, obtiveram a cidadania brasileira. Tiveram 2 filhos (Carl Robert e Noni) e três netos (João Rodrigo, Leticia e Tatiana).

As palavras seguintes, de Fayga, parecem ter sido escritas especialmente para nós, hoje:

“Não tenho muitas ilusões sobre o que podemos fazer individualmente. Cada um de nós só dispõe de um certo espaço vivencial dentro do qual é possível movimentar-se e trabalhar. Ainda que restrito, porém, o espaço existe e é preciso agir nele. É o que devemos às gerações futuras, aos nossos filhos e aos filhos de nossos filhos, na visão esperançosa de que para eles a criação possa tornar-se uma nova dimensão da vida.”

E eu acrescentaria: É o que devemos também às gerações passadas.

É por isso que eu, que no início não conseguia nem mexer nos móveis, agora ando espalhando o legado de Fayga como quem lança sementes ao vento, para que frutifiquem em solo fértil e a cultura sobreviva à barbárie. Encerro com mais duas frases inspiradoras de Fayga:

“A arte é uma forma de crescimento para a liberdade, um caminho de vida.”

“A arte é a linguagem natural da humanidade.”

A todas e todos que com coragem, generosidade e persistência, estreitam as redes de afeto que têm nos sustentado nos tempos sombrios em que mergulhamos novamente.

Um agradecimento especial às pessoas que dedicaram seu tempo, energia e amor para concretizar a celebração do centenário de nascimento de Fayga Ostrower.

Noni Ostrower
Rio de Janeiro, abril de 2022



Fayga Ostrower em seu atelier (Rio de Janeiro, Brasil-1958). Foto: Acervo da Família

Fayga Ostrower

Łódź, 1920/ Rio de Janeiro, 2001



Título: 5502, obra de Fayga Ostrower (água-forte e água-tinta sobre papel, 1955, 28,7 x 45,5 cm) Foto: Acervo da Família

Gravadora, pintora, desenhista, ilustradora, teórica da arte e professora, Fayga chegou ao Rio de Janeiro na década de 30. Foi uma das mais atuantes artistas plásticas do Brasil. Sua obra, no início figurativa, na década de 50 caminhou na direção da abstração, chegando a uma concepção própria, numa obra de caráter inaugural para o Abstracionismo Informal no Brasil.

Cursou Artes Gráficas na Fundação Getúlio Vargas, em 1946, onde estudou xilogravura com Axel Leskoscheck e gravura em metal com Carlos Oswald, entre outros. Em 1955, viajou para Nova York, com uma Bolsa de estudos da Fullbright.

Realizou exposições individuais e coletivas no Brasil e no exterior. Seus trabalhos se encontram nos principais museus brasileiros, da Europa e das Américas. Recebeu numerosos prêmios, entre os quais, em 1957, o Grande Prêmio Nacional de Gravura da Bienal de São Paulo; em 1958, o Grande Prêmio Internacional da XXIX Bienal de Veneza; nos anos seguintes, o Grande Prêmio nas bienais de Florença, Buenos Aires, México, Venezuela e outros.

Entre os anos de 1954 e 1970 ministrou o Curso de Composição e Análise Crítica no Museu de Arte

Moderna do Rio de Janeiro. No decorrer da década de 60, lecionou no Spellman College, em Atlanta, EUA, na Slade School da Universidade de Londres e, posteriormente, como professora de pós-graduação, em várias universidades brasileiras. Desenvolveu também cursos para operários e centros comunitários, visando à divulgação da arte. Durante toda a vida proferiu palestras em inúmeras universidades e instituições culturais, no Brasil e no exterior.

Foi presidente da Associação Brasileira de Artes Plásticas entre 1963 e 1966. Em 1969, a Biblioteca Nacional - RJ publicou o Álbum 20 gravuras, realizadas entre 1954 e 1966. De 1978 a 1982, presidiu a comissão brasileira da International Society of Education through Art, INSEA, da UNESCO. É membro honorário da Academia de Arte e Desenho de Florença. Fez parte do Conselho Estadual de Cultura do Rio de Janeiro, de 1982 a 1988. Recebeu a condecoração Ordem do Rio Branco, 1972; o Prêmio do Mérito Cultural pelo Presidente da República do Brasil, 1998 e o Grande Prêmio de Artes Plásticas do Ministério da Cultura, 1999.

Seus livros sobre questões de arte e criação artística são: Criatividade

e processos de criação; Universos da arte; Acasos e criação artística; A sensibilidade do intelecto (Prêmio Jabuti, 1999); A construção do olhar; Goya, artista revolucionário e humanista e A Grandeza humana: cinco séculos, cinco gigantes da arte. Publicou numerosos artigos e ensaios na imprensa e na mídia eletrônica. A biografia Fayga Ostrower foi lançada em 2002.

Fayga foi casada com Heinz Ostrower, historiador cuja biblioteca foi doada para o Arquivo Edgard Leuenroth, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em São Paulo. Deixou dois filhos, Anna Leonor (Noni) e Carl Robert; e três netos, João Rodrigo, Leticia e Tatiana.

Nascida em Łódź, na Polônia em 1920, a artista faleceu no Rio de Janeiro, em 2001. Em 2002 foi criado o Instituto Fayga Ostrower com o objetivo de preservar sua obra e sua memória. Fayga deixou um precioso acervo, resultante de seis décadas de produção artística. Além das obras de arte, o acervo inclui um precioso conjunto composto por vasta correspondência, desenhos de tecidos e joias, cerâmicas esmaltadas, documentos, fotografias, filmes, livros de arte e objetos de trabalho que mostram a diversidade do trabalho da artista.

A arte de Fayga está entre as mais altas realizações da arte brasileira do século XX. A atividade artística conjugada ao papel de educadora engajou-a na produção teórica cujos temas a inserem no eixo do projeto pedagógico e cultural da própria nacionalidade brasileira.

Veja mais em:

www.faygaostrower.org.br

Noni OSTROWER

Médica formada pela UFRJ. Abandonou a medicina para trabalhar na TV *Maxambomba*, projeto do Centro de Criação de Imagem Popular (CECIP), uma ONG que trabalha com comunicação e educação. Desde 2002, é presidente e curadora do acervo do Instituto Fayga Ostrower

Exposição: A Arte do Wicinanki de Emília Piaskowski

Dona Emília foi um anjo em nossas vidas. O amor que ela tinha pela Polônia fazia parte do cotidiano de sua vida em Curitiba, desde a participação no folclore, no Coral João Paulo II e nas obras e oficinas de Wicinanki, em que se esmerou na perfeita fusão da tradição polonesa com os símbolos do Paraná, tais como a Gralha Azul, o Pinhão e as Araucárias. A frase que ela sempre falava: "Mój kawałek Polski jest w

Kurytybie" (Meu pedaço da Polônia está em Curitiba) ficará immortalizada. Dona Emília deixou um legado para as futuras gerações e nós, como amigos, não poderíamos deixar tanta beleza do seu trabalho de Wicinanki esvaír-se no tempo. Pensando nela e em sua maravilhosa obra, organizamos uma equipe multidisciplinar e montamos a primeira exposição com o apoio da Casa da Cultura Polônia Brasil. Foram

meses de muito trabalho e dedicação e ao final vibramos de emoção pela conquista de levarmos adiante a sua obra.

Equipe: **Deisi Everli Wor** - Bailarina do G2 Cia. De Dança - Teatro Guaíra; **Melanie Moskalewski Gabardo** - Advogada; **Rogério Halila** - Bailarino do G2 Cia de Dança - Teatro Guaíra; **Laís Cristina Licheski** - Designer e Ilustradora; **Marli Jeanne Wor** - Psicóloga e **Lula Araujo** - Cineasta



Equipe responsável pela montagem da exposição de Wicinanki na CCPB.

★ ENTREVISTA

Danuta Maria Lisicki de Abreu



Danuta Lisicki de Abreu com o Prefeito de Curitiba Rafael Greca e o padre Casemiro Dlugosz, Provincial da Missão Católica no Brasil.
Fonte da imagem: <https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/prefeitura-discute-sugestoes-e-melhorias-para-o-bosque-do-papa/41209>

Danuta Lisicki de Abreu é certamente uma das grandes personalidades não só dentro da comunidade

de descendentes de poloneses no Estado do Paraná, mas também fora dele. Nosso veículo de comunicação,

o TAK!, hoje atinge um grupo bastante grande e heterogêneo, em outros Estados do Brasil e mesmo fora dele, assim como os consulados de várias nações distintas, então faz-se necessária a apresentação desta grande personagem do cenário paranaense. Nesta entrevista que acabou se tornando uma conversa informal, ela nos conta sobre sua vida, sua história nos diferentes períodos, desde os tempos na Europa, a opção pelo Brasil, as suas primeiras impressões, até se tornar a grande defensora da preservação da memória da imigração polonesa, como coordenadora do Bosque do Papa em Curitiba, entre outras atividades.

DL - "Sou nascida em 1937 em Vilnius ou Vilna, hoje capital da Lituânia, numa alameda próxima do Santuário de

 ENTREVISTA

Nossa Senhora de Ostra Brama, Nossa Senhora da Lituânia. Meu pai, Adolf Leuder Lisicki, e minha mãe, Janina Getler Lisicki, eram de uma tradicional família de Żywiec. Ele era Técnico do setor lácteo, com formação em organização produtiva de Cooperativas, e depois foi Diretor da cooperativa de laticínios em Mejszagoła (Maišiagala) *Spółdzielnia Mleczarska w Mejszagołe*. Minha mãe Janina, era artista, cantora e estilista de alta costura. Nascida em Sosnowiec-Katowice, ambos sempre se dedicaram a causas culturais e humanitárias. Meu tio foi Voivoda ou Governador (Wojewoda) da cidade de Żywiec.

A guerra estourou em 1939. Iniciam-se as fugas, os esconderijos, o desespero. Meus pais começam a fugir e se esconder, porém só no final fomos pegos numa trajetória de trem, na fronteira, e levados para um campo de concentração de políticos. Minha mãe também era descendente de prussianos. Assim, depois de alguns meses fomos soltos, porém meu pai foi obrigado a entrar no exército alemão e nós voltamos para Lodzie Jablonków – Jablunkov na Tchecoslováquia, onde permanecemos até o final da guerra. Era uma cidade fronteiriça, com passagem constante dos exércitos indo para o front. Lá vivemos o terror, com a presença de minas, a fome, sobrevoos, bombas, tanques, enforcamentos em praças públicas, gases mortíferos e sequestro de crianças para experiências científicas.

Por diversas vezes ficamos escondidos com os guerrilheiros (partizanos) nas montanhas, embaixo da terra. Nas fugas pelos campos a gente pisava nas minas e muitas vezes éramos feridos pelos estilhaços. Minha mãe também se dedicou a ajudar a esconder judeus, o que se tornou um grande feito pelo qual ela teve um igual reconhecimento. Mais tarde ela foi também secretária da União dos Poloneses (CJP) de Curitiba, onde meu pai foi presidente por 17 anos. Voltando ao relato sobre o período europeu, a certa altura meu pai foi levado para o *front* e não deu mais notícias. Porém na França, na cidade de Salette, ele conseguiu fugir e passar para os aliados da Inglaterra até o final da guerra. Nós recebemos do exército alemão uma carta com tarja preta, agradecendo “pela vida que ele deu à causa nazista”. Depois de um ano recebemos uma notícia que ele estava vivo na Inglaterra.

Com o final da guerra, em consequência de acertos políticos (Conferência de Yalta de 1945) instalou-se na Polônia o regime comunista. Com isso, muitos poloneses que se encontravam fora das fronteiras do país preferiram buscar refúgio em outras partes do mundo. Nos tratados entre os países, surgiu uma possibilidade: República Tcheca ou Irlanda. Havia tratados bilaterais de se fazer um passaporte temporário para saída legal. Esse passaporte, feito em Dublin, nos deu a possibilidade de saída para a Inglaterra, depois Escócia-Edimburgo, somente com uma muda de roupa, deixando tudo para trás. Em Edimburgo vivemos durante dois anos, com a ajuda do exército e da Cruz-Vermelha. Posteriormente, com a ajuda dessa organização, viemos para o Rio de Janeiro, depois Curitiba, e Colônia Afonso Pena, onde já havia um contrato estabelecido com suporte de moradia, etc. Terminado o contrato, depois de três anos meu pai montou uma Fábrica de Laticínios própria na Colônia Orleans. Em Curitiba adquiriu uma casa para que pudéssemos estar mais perto das atividades culturais e cívicas.

Em outra etapa da vida, vim estudar em Curitiba, onde cursei Economia na Faculdade de Plácido e Silva, e também Contabilidade e Direito Atuarial. Cursei ainda Direito Trabalhista, assim como Decoração de Interiores e Arquitetura e Cursos Etnográficos na Polônia. Fui convidada para compor o grupo Folclórico Juventus pelo então Prof. Tadeu Morozowicz e logo fui eleita presidente do Grêmio dos Jovens, onde permaneci até 1959 quando me casei com o Sr. Ivan Bittencourt de Abreu, filho de uma ilustre família curitibana. O pai dele, Sr. Augusto Ferreira de Abreu, foi Delegado do Ministério do Trabalho do Paraná e a mãe era Diretora do Grupo Xavier da Silva. Ele descendente de uma ilustre família de Paranaguá, ex-proprietário do casarão que é hoje museu, onde foi hospedado o Imperador Dom Pedro II, por ocasião de sua visita. Deste matrimônio tenho 3 lindas filhas, 5 netos e 1 bisneta.

Fui convidada a assumir a coordenação do Bosque do Papa em 1980 pelo então Prefeito de Curitiba, Sr. Jaime Lerner, que foi também depois Governador. Em julho do mesmo ano, o Papa João Paulo II veio a Curitiba, e em 1984 estive num grupo, junto com o Reitor da Missão Católica Polonesa do Brasil num encontro em Castel Gandolfo e também em Roma. O grupo era formado por mais 80 pessoas e participou de uma missa solene oficiada pelo Papa. No cumprimento ao Papa, fiz a promessa a Sua Santidade de cuidar do Bosque e da capela até o final dos meus dias. As fotos estão expostas na capela, para verificar a veracidade. Mais uma vez, em 1985, também estive no Castel Gandolfo. Após três anos, mais uma vez no Vaticano, junto com uma das minhas filhas. E espiritualmente na Polônia, quando o Papa João Paulo II fez 75 anos e rezou a Santa Missa nas terras da minha família perto de Żywiec.

Fui chamada - pelo Sr. Rafael Greca, que hoje é o nosso Prefeito, e pelo Reitor da Missão Polonesa Pe. Benedykt Grzymkowski - a assumir o memorial Étnico da Imigração Polonesa no Brasil, e com isto já são 42 anos. O Bosque do Papa é o nosso maior orgulho em Curitiba e no Brasil, fora da Polônia. Sempre com grande honra, com amparo constante do Consulado da Polônia, Embaixada e também da Wspólnota Polska, com o aval do Ministério de Relações Exteriores e da Cultura, assim como do Governo do Estado do Paraná e da Prefeitura Municipal de Curitiba. O Bosque do Papa – Memorial de Imigração Polonesa do Brasil, é composto de 7 casas típicas centenárias da arquitetura polonesa, trazidas pelos imigrantes vindos ao Brasil entre 1870 e 1871. Este local hoje é o nosso centro, o coração da preservação da cultura, das tradições, do folclore poloneses, principalmente entre a sociedade brasileira, que nos cedeu o espaço, e principalmente pela visão de futuro, de continuidade que teve o governo brasileiro. Que a comunidade polonesa se sinta grata e saiba preservar e dignificar o local. Como o Santo Papa João Paulo II dizia: “O povo que não preserva a sua cultura e seus valores tende a morrer!”

Entrevista concedida, em maio de 2022 a

Giancarlo HOLLWEG VIZZOTTO

Curitibano, formado em Administração pela FAE School Business, e Acadêmico de Letras Polônês na UFPR. Acima de tudo, um grande apreciador e entusiasta da cultura polonesa.

Colaborou nesta matéria:

Mari Inês PIEKAS

A generosidade de Ludovica Karaz, parteira de Cruz Machado

Atendendo ao convite da Izabel para que pudéssemos trazer histórias de mulheres com ascendência polonesa para essa nova edição do Tak!, eu poderia trazer muitas, mas não haveria tempo hábil. Desse modo, escolhi trazer a história da Sra. Ludovica Litka Karaz, uma trajetória que merece ter um alcance maior, para fora da abrangência de sua terra natal Cruz Machado, ampliar o alcance especialmente para a nossa comunidade polônica.

A Sra. Ludovica Litka Karaz faz parte da segunda geração de descendentes de poloneses nascidos no Brasil, filha de Francisco Litka e Wanda Kozcodai, nasceu em 21 de agosto de 1937, na cidade de Cruz Machado/PR. Casou-se aos 19 anos e teve 11 filhos. A família não sabe dizer ao certo em que momento a Sra. Ludovica se envolveu com o

atendimento dos partos, mas seu testemunho de dedicação em atender a mães e bebês é algo que nos emociona.

Ainda antes dos quarenta anos de idade começou a atender partos nas casas das famílias e também em sua própria residência, quando era necessário. Sua filha, Silvia Karaz, nos conta que ela trabalhava nos partos ao longo de todo o ano e não se importava em atender em datas festivas, feriados ou finais de semana. Quando a hora chegava, ela estava por ali. Fazia o deslocamento da forma como era possível, a pé, de carroça, a cavalo.

Geralmente, dedicava de dois a três dias para a família que receberia o bebê, ajudava a lavar as roupas do bebê, ajudava no preparo da alimentação, preparava a mamãe com chás e massagens e permanecia por

perto até que sentisse que a rotina da família estava encaminhada.

Para ter seu trabalho legitimado, foi incentivada para fazer o curso de parteira com diplomação, e assim o fez e se formou no curso de Aperfeiçoamento de Parteira Prática, no ano de 1985, capacitação certificada pela Secretaria de Estado da Saúde e do Bem-Estar Social do Estado do Paraná.

Era procurada por vizinhos para socorrer nas doenças e males, fazia chás, xaropes, remédios caseiros para mulheres que queriam engravidar, remédio para vermes e até massagens para crianças e gestantes e nunca negou ajuda a quem precisava.

Ao longo de mais de trinta anos de serviço à comunidade atendeu mais de dois mil partos, incluindo partos gemelares. Sua filha Silvia comenta que quando a Sra. Ludovica voltava de cada parto era motivo de festa e era nítido ver a alegria em seus olhos, com mais uma vida que chegava ao mundo.

Teve a alegria de realizar o parto de seu primeiro bisneto, Kaique, no ano de 1998, hoje com 24 anos de idade. Realizou o último parto no ano de 2006.

Faleceu no ano de 2011 e deixou um exemplo de doação, voluntariado e compromisso com a vida e a comunidade. No ano de 2015 foi homenageada pela administração municipal, que concedeu o seu nome para a Unidade Básica de Saúde de Santana, a "UBS Ludovica Karaz".



Unidade Básica de Saúde de Santana, a "UBS Ludovica Karaz".

Texto:

Schirlei FREDER

Pós-Doutoranda, Doutora e Mestre em Gestão Urbana (PUCPR), pesquisadora de assuntos ligados à polonidade no Brasil. É Cofundadora e Conselheira da Casa da Cultura Polônia Brasil, onde esteve à frente da presidência no período de 2012 a 2020. É voluntária em organizações polônicas e também coordena o portal "Polonidade no Brasil: memória e legado", que pode ser acessado em: <https://polonidadenobrasil.org.br/>

Colaboração:

Silvia KARAZ

Filha da Sra. Ludovica.

Poesia

"Retrato de mulher" (Wisława Szymborska)

Deve ser para todos os gostos.
Mudar só para que nada mude.
É fácil, impossível, difícil, vale tentar.
Seus olhos são, se preciso, ora azuis, ora cinzentos,
negros, alegres, rasos d'água sem nenhuma razão.
Dorme com ele como a primeira que aparece,
a única no mundo.
Dá-lhe quatro filhos, nenhum filho, um.
Ingênua, mas a que melhor aconselha.
Fracas, mas aguenta.
Não tem cabeça, pois vai tê-la.
Lê Jaspers e revistas de mulher.
Não entende de parafusos mas constrói uma ponte.
Jovem, como sempre jovem, ainda jovem.
Segura nas mãos um pardalzinho de asa partida
seu próprio dinheiro para uma viagem longa e longínqua
um cutelo para carne, uma compressa,
um cálice de vodca.
Corre para onde, não está cansada.
Claro que não, só um pouco, muito, não importa.
Ou ela o ama ou é teimosa.
Para o bem, para o mal e para o que der e vier.

De "Poemas", publicado pela Companhia das Letras.

Tradução: Regina PRZYBYCIEN

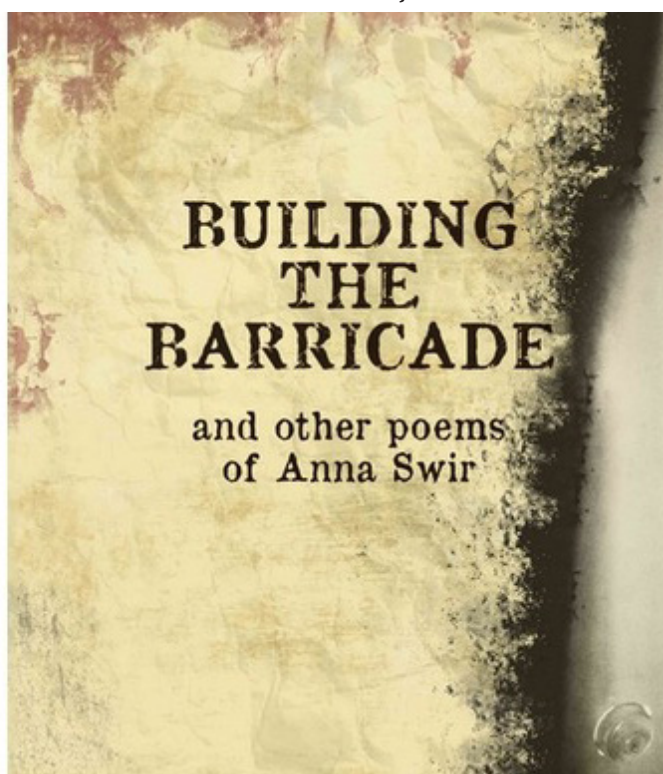
"Coragem" (Anna Świrszczyńska)

Não serei escrava de nenhum amor.
A ninguém
entregarei o objetivo da minha vida,
meu direito de crescer incessantemente
até o último suspiro.

Atada pelo obscuro instinto da maternidade,
ávida por ternura como um asmático por ar,
com que labuta construo em mim
meu belo e humano egoísmo,
reservado há séculos
para o homem.
Contra mim
estão todas as civilizações do mundo,
todos os livros sagrados da humanidade
escritos pelos anjos místicos
com a loquaz pena do relâmpago.
Os dez Maomés
em dez línguas cobertas de requintada pátina
me ameaçam com a danação
na terra e no céu eterno.

Contra mim
está meu próprio coração.
Por milênios adestrado
na virtude cruel do sacrifício.

Tradução: Piotr KILANOWSKI



 LITERATURA

Anna Świrszczyńska (1909-1984) foi poeta, prosadora e autora de literatura infantil. Estreou em 1936 com poemas que deixam visível seu fascínio pelo idioma (principalmente as estilizações arcaizantes), assim como o fascínio pelas artes plásticas, talvez herança do pai, que foi pintor. Durante a guerra, Świrszczyńska participou como enfermeira do Levante de Varsóvia. Sua visão da guerra, da crueldade e do horror do ponto de vista de uma mulher encontrou sua expressão no livro “Eu construí a barricada”, publicado 30 anos depois do fim da guerra. Nesse período, a poeta já havia encontrado sua própria voz, diferente daquela de antes da guerra: sóbria, concisa, precisa e plástica. Havia encontrado também seu tema: como é ser mulher. O mundo observado do ponto de vista de uma mulher, seus

sentimentos e seu corpo tornaram-se o assunto mais importante e revolucionário na sua poesia. O feminismo declarado de seus poemas foi tachado por vezes de exibicionista, mas a aproximação direta e econômica à sexualidade feminina, ao psiquismo da mulher, sua sensualidade e seus problemas são um dos principais valores de seu trabalho. O poema apresentado acima provém do livro publicado em 1970 e permite entender a extraordinária coragem e qualidade precursora da autora, que ainda espera o devido reconhecimento e presença no cânone da literatura polonesa.

Piotr KILANOWSKI

É tradutor de poesia, professor de literatura polonesa no curso de Letras Polônias da UFPR e coordenador do Centro de Estudos Poloneses na mesma instituição.

 FOTOGRAFIA

Mulheres Pioneiras na Fotografia: Polônia

“O que torna as primeiras fotografias tão incomparáveis talvez seja isto: elas representam as primeiras imagens do encontro entre a máquina e o humano.” (Walter Benjamin)

A fotografia surgiu em pleno período de expansão da revolução industrial, e promoveu uma intensa mudança nas relações sociais a partir de 1839, principalmente com Niépce e Daguerre na França, mas ela surge simultaneamente em outros países. Com as grandes transformações no século XIX, em que a antiga aristocracia mostrava sinais de decadência frente à recém-surgida burguesia, a arte estava rompendo sua antiga tradição para atender à ordem que moldava a nova sociedade: o capitalismo industrial. Com as mudanças socioeconômicas deste século, também a mulher começa a vislumbrar uma mudança de seu papel principalmente na sociedade burguesa europeia. (FERRO, 2010).

Dispondo de mais tempo livre, ela passa a se dedicar a atividades científicas, que a levarão ao contato com instrumentos óticos e posteriormente com a fotografia, acompanhando de perto as descobertas no campo fotográfico. O tipo de trabalho que atraiu as fotógrafas nesse período foi o retrato, devido à maior facilidade de trabalhar em ambientes fechados, como as próprias residências, além do trato com a decoração dos ateliês, a direção da pose das clientes, que se sentiam mais confortáveis perante uma fotógrafa, resultando em serviços de qualidade.

A presença feminina nos bastidores do ateliê fotográfico foi uma constante desde a data que se convencionou como da invenção da fotografia, em 1839. Era comum encontrar esposas, filhas ou parentes dos fotógrafos-proprietários trabalhando ativamente no negócio. Conclui-se, assim, que desde o advento da fotografia a mulher atuou em todos os campos dessa nova tecnologia. (FREUND, 1974).

As mulheres estiveram sempre à margem na história da arte, e ainda durante o século XIX esta parecia ser uma profissão exclusivamente masculina. As poucas mulheres que ingressaram nesse sistema dominado pela Academia eram julgadas de modo pejorativo, e a pecha de amadorismo inibiu por muito tempo estudos sobre suas produções. (SIMIONI, 2008). A crescente

inserção feminina no campo artístico, no período a partir da metade do século XIX, sugere questões referentes às representações dominantes sobre a condição das mulheres no tempo, suas disposições adquiridas no curso da formação e que modelaram suas escolhas, ao caráter masculino da atividade artística, aos desafios que enfrentaram e o modo como puderam equacionar o conjunto de restrições de amplo espectro. A inserção das mulheres nas artes em geral se deu de forma lenta e através de algumas lutas. (ARAUJO, 2012). No campo da fotografia, isso não foi diferente.

Pode-se questionar que um dos motivos da falta de informação e divulgação da participação feminina na fotografia pode ser em função de uma suposta prática entre os historiadores, acostumados a registrar os feitos masculinos em detrimento aos femininos, relegando a mulher a um segundo plano. Como afirma Rosenblum, poderia ser o valor predominante em uma cultura na qual era esperado do homem um papel mais ativo, ao mesmo tempo em que se esperava da mulher um papel de “apoio”. Assim, muitas vezes as mulheres entravam no mundo da fotografia como retocadoras, fotocopiadoras ou assistentes, atuando principalmente nas atividades de laboratoristas e na montagem das fotografias nos mais diversos tipos de suportes e estojos. (ROSENBLUM, 2000, pg.10)

Michelle Perrot (2005) também reforça essa ideia, destacando que a desatenção ou negligência à produção das mulheres é motivada pela história tradicional e por aqueles que a escreveram. Uma vez que a cultura na sociedade sempre foi transmitida pelos homens, a seleção dos fatos e o registro histórico obedeceram sempre a uma perspectiva masculina. Consequentemente, o que se relaciona às atividades do “segundo sexo” – como o denominou Simone de Beauvoir – assim como ao seu modo de pensar e agir, seria considerado sem significado e até indigno de menção. Nesse sentido, é pouco conhecida a atuação de Anna Atkins (1799-1871), botânica e fotógrafa inglesa considerada a primeira pesquisadora a publicar um livro ilustrado com imagens fotográficas, e algumas fontes chegam a afirmar mesmo que ela foi a primeira mulher a criar uma fotografia.

FOTOGRAFIA

Na Polônia, o surgimento da fotografia deve-se a Maksymilian Strasz (1804-1885), considerado o pai da fotografia polonesa. Nascido em Kielce, foi também inventor, engenheiro e arquiteto. Em julho de 1839, ele enviou para a Gazeta Wyborcza, um artigo intitulado "Como transferir itens para o papel usando a obscuridade pela influência da própria luz". Strasz também foi o autor do primeiro livro publicado no país sobre o assunto, em 1856 em Varsóvia.

Ele se aprofundou nos estudos da ótica e na recente invenção da fotografia. Em julho de 1839 – antes de serem divulgados os detalhes da técnica do daguerreótipo – Strasz publicou um artigo sobre outra técnica fotográfica, o calótipo, em "Commercial and Industrial News". Na nota de rodapé desse texto, os editores relataram que o autor havia enviado duas amostras desse experimento e que os interessados podiam vê-los. Nada se sabe sobre as tentativas subsequentes de Strasz relacionadas a essa técnica. Em vez disso, ele se interessou pelo daguerreótipo, ao qual dedicou textos sub-

sequentes, publicados em outubro e novembro do mesmo ano.

Em 1857, foi publicado seu livro didático, *Photography*, uma coleção de meios usados para fixar imagens usando luz sobre papel ou vidro, dispostas para uso prático. Em 1889, por ocasião do 150º aniversário da fotografia polonesa, a Poczta Polska emitiu um selo a partir do design de Stefan Malecki dedicado a Maksymilian Strasz. Também na mesma ocasião, a diretoria da Associação de Fotógrafos Poloneses de Arte, em Varsóvia, estabeleceu uma Medalha com a imagem do fotógrafo.

Algumas precursoras da fotografia na Polônia:

Maria Kietlińska (1888 -1966)

Membro da Associação de Fotógrafos de Arte da Polônia, da Sociedade Fotográfica Polonesa e da Sociedade Fotográfica de Varsóvia. Formou-se na escola particular feminina de Leonia Rudzka em Varsóvia e apresentou pela primeira vez suas fotografias em 1931 na expo-

sição Tatra Mountains and Podhale, organizada em cooperação com o Henryk Schabenbeck Photo Studio. As fotografias de Maria Kietlińska foram publicadas muitas vezes na *Photographic Review*, e em 1937 seu trabalho foi publicado no *Almanaque Polonês da Fotografia*.

Nos anos de 1943 a 1944, ela trabalhou na empresa Helios, em Kielce, como laboratorista de material fotográfico. Após a Segunda Guerra Mundial, tornou-se professora de fotografia na Escola Provincial de Artes e Ofícios de Kielce. Em 1950, ela se estabeleceu em Varsóvia trabalhando no Museu Histórico de 1951 a 1959, dirigindo um estúdio de fotografia. Seus ensaios fotográficos estão nas coleções da ZPAF Fototeka na capital da Polônia. Em 2008, na Galeria Nacional de Arte Zachęta, em Varsóvia, foi organizada uma exposição de fotógrafos poloneses do século XX, apresentando as realizações criativas de 50 documentaristas poloneses a partir da década de 1870, onde se encontravam também os trabalhos dessa documentarista.



Janina Mierzecka, da série *Reka Pracująca*, 1924-1938. Objeto da exposição "O futuro será diferente. Visões e práticas de modernização social após 1918" – Galeria Nacional de Arte Zachęta / Coleção Lukasz Górczyca. Fonte da imagem: <http://cojestgrane24.wyborcza.pl/cjg24/1,13,23173763,0,Film-Forda--plakaty-z-lat-30--Teatr-Symultaniczny-.html>

 FOTOGRAFIA
Janina Mierzecka (1896-1987)

Era fotógrafa em Lviv, e inicialmente estudou música, interessando-se depois pela fotografia, estudando com um professor na Politécnica de Lviv, Henryk Mikolasch, a quem ela pediu algumas lições em 1925. A partir de então, a fotografia se tornou uma profissão e objeto de sua criatividade artística. Ela participou dos chamados "showrooms" nacionais e estrangeiros de Chicago a Tóquio. Era membro da Sociedade Fotográfica de Lviv, esteve no comitê organizador da Sociedade Fotográfica Polonesa e, a partir de 1931, foi membro do Clube Fotográfico Polônês.

Seu álbum "Mãos de Trabalhadores" foi publicado em 1939 com 250 cópias, e é considerado muito relevante no conjunto da obra desta autora. A segunda edição, com 75 cópias, apareceu em 1947, desenvolvida em conjunto com seu marido Henryk Mierzecki, que era médico de profissão. Em 1949, Mierzecka mudou-se para Wrocław, onde trabalhou, criando um estúdio de fotografia no Museu Estadual e na Academia Médica, colaborando com os médicos na criação de um catálogo de doenças de pele. Ela também fotografou a cidade, imortalizando edifícios históricos e casas residenciais, igrejas, lojas de departamento, prédios públicos, dando ênfase à escultura e detalhes arquitetônicos. Graças à sua paixão, muitas fotos de Wrocław e outras cidades da Baixa Silésia, assim como de várias regiões da Polônia foram criadas. O legado de Mierzecka é uma parte extensa das coleções do Departamento de Documentação Fotográfica do Museu de Arquitetura de Wrocław.

Zofia Katarzyna Chomętowska (1902-1991)

Oriunda de uma família aristocrática dos príncipes Drucki-Lubecki, começou a fotografar em 1928, com uma câmera Leica de 35mm. Em 1937, ela foi aceita como membro do Photoclub Polônês, e também foi membro do Photoclub de Varsóvia, e da Sociedade Fotográfica Polonesa, onde em 1939 foi eleita para o

último Conselho. Juntamente com Tadeusz Przykowski, foi fotojornalista da Mostra "Acusações de Varsóvia" em 1945, a primeira exposição fotográfica polonesa do pós-guerra exibida no Museu Nacional de Varsóvia, em outras cidades do país e também no exterior.

Os negativos das fotografias realizadas durante o Levante de Varsóvia foram doados ao Museu daquela cidade, onde após a guerra cerca de 5.000 negativos de 1923-1939 e 1945-1947 foram catalogados. Seu trabalho foi mostrado na primeira exposição do pós-guerra intitulada: "Meio século de Varsóvia na Fotografia de Zofia Chomętowska".

Stefania Bril (1922-1992)

Nasceu em Gdansk, na Polônia, estudou Ciências e Química e em 1950 veio para o Brasil, onde se naturalizou, radicando-se em São Paulo com seu marido. Ambos eram sobreviventes do Gueto de Varsóvia, do qual escaparam antes do levante de 1944. Depois de uma peregrinação por vários países da Europa, decidiram-se por fixar residência permanente no Brasil. Seu acervo é composto por cerca de onze mil imagens, constituído de ensaios fotográficos autorais, permeados por um olhar crítico e uma grande dose de humor, com destaque para os retratos de gente anônima. Parte desse acervo se encontra no Instituto Moreira Salles.

É autora do livro "A arte do Caminhão" (1981), um projeto lúdico em parceria com o também fotógrafo Bob Wolfenson. Seu legado inclui ainda uma vasta coleção bibliográfica formada por recortes de periódicos e negativos fotográficos. Stefania Bril dedicou grande parte de sua vida à observação, análise e a fotografia de cenas brasileiras entre os anos 1970 até o início dos anos 90, atuando decisivamente para a criação e difusão de uma imagética nacional.

As mulheres deram uma vital contribuição à fotografia, tanto do ponto de vista profissional, assim como da arte, desde os seus inícios. Em todos os aspectos dessa área, como retratos, documentação social e científica, publicidade, fotojornalismo, e como expressão pessoal, as mulheres têm sido criadoras realmente ativas. Suas

conquistas, porém, ainda têm sido muitas vezes negligenciadas e, ocasionalmente, até mesmo creditadas a seus companheiros, ou ainda a colegas fotógrafos. Há inúmeros relatos onde se demonstram essas situações.

Sem dúvida, as mulheres tiveram um papel preponderante na fotografia, e por que elas mereceriam um estudo em separado? Para responder a essa questão há muitas respostas e ainda mais perguntas a fazer: as mulheres e seus trabalhos fotográficos estão tão visíveis como deveriam estar à vista do número e de sua influência no passado? A investigação sobre suas atividades e sua arte foi tão rigorosa e tão perspicaz como os estudos dos seus colegas fotógrafos? Suas contribuições são e têm sido entendidas no contexto do desenvolvimento global deste médium? Diante de todos esses questionamentos, conclui-se que o tema das "Mulheres na Fotografia, é ainda uma História a ser escrita". (ROSENBLUM, 2000).

Referências

- ARAUJO, Silvette Aparecida Crippa de – *Mulheres Artistas: Outsiders na História da Arte*, 2012.
- BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas. III. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- FERRO, Ligia – *Ao encontro da sociologia visual*, artigo do Programa Internacional de Doutorado em Antropologia Urbana, Portugal- 2010.
- FREUND, Gisèle – *Photographie et Société*, Editions du Seuil, Paris, 1974.
- MARTINS, José de Souza – *Sociologia da Fotografia e da Imagem*, Editora Contexto, S.Paulo, 2008.
- PERROT, Michelle – *Mulheres ou os silêncios da História*, EDUSC, 2005.
- ROSENBLUM, Naomi – *A History of Women Photographers*, Abbeville Press, London, 2000.
- SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. *Profissão Artista: pintoras e escultoras acadêmicas brasileiras*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 2008.

Artigo apresentado na "Vitrine Literária", evento organizado pela BRASPOL em Florianópolis, 2019.

Izabel LIVISKI

Nascida em Curitiba/PR, é professora e fotógrafa. Foi a primeira mulher contratada como fotojornalista no Jornal Gazeta do Povo (1988 a 2000). Doutora em Sociologia pela UFPR, desenvolveu temas na área de Imagem e Conhecimento e também na área de Estudos da Violência, Presídios e Políticas Públicas. A exposição fotográfica "Olhares e Vozes do Cárcere" resultante de sua pesquisa, foi premiada pela ANPOCS (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais) em 2019. Também proferiu conferência sobre a mesma na Accademia di Belle Arti di Firenze na Itália, à convite da instituição.

Recomendações musicais de Eugênia Miszke

Eugênia Miszke (?-1934)* nascida Czyzowski, chegou a Curitiba em 1922 [1,2]. Além de médica e pianista, possuía formação em balé clássico, e era a esposa do segundo cônsul polonês em Curitiba, Zbigniew August Miszke (1881-1944). Nascida na Rússia, obteve o título de médica em Genebra, Suíça, enquanto musicalmente foi orientada por ninguém menos que Ignacy Jan Paderewski (1860-1941), e depois pelo professor deste, Theodor Hermann Leschetizky (1860-1915), em Viena [2]. A linhagem musical de Eugênia a liga a grandes nomes da música, uma vez que, além de Paderewski, a instrução com Leschetizky a coloca sob a árvore genealógica de Carl Czerny (1791-1857), tido como o patrono da técnica pianística. Czerny teve aulas com Ludwig van Beethoven (1770-1827), Franz Xaver Amadeus Mozart (1791-1844) (filho de W. A. Mozart) e, posteriormente, as teve como seu pupilo mais brilhante, Franz Liszt (1811-1886).

Toda essa bagagem cultural fez com que ela buscasse desenvolver

atividades para a elevação do nível intelectual da colônia polonesa [2]. Na música, o primeiro concerto público organizado por Eugênia ocorreu em 27 de maio de 1923, no antigo Theatro Guayra localizado a época na R. Dr. Murici, o qual foi, até ser demolido em 1939, o centro da vida cultural curitibana [3]. O Comércio do Paraná nos traz a informação de que a expectativa pelo concerto era tal que boa parte dos ingressos havia sido vendida antecipadamente [4], com a colaboração das lojas de instrumentos musicais Casa Goudart, Casa Hertel e da Livraria Mundial.

Na estreia, apareceram junto a Miszke nomes que a acompanhariam nos próximos concertos, entre eles Waclaw Radecki (violoncelo), Ernest Dreyer (violino), Ludovico Seyer (viola) e Bianca Bianchi (violino). Neste mesmo mês, foi criada a Sociedade Musical Frederico Chopin, que foi presidida por Eugênia mais de uma vez e permitiu organizar concertos com os músicos da cidade, que a tinham como figura central [2]. A sociedade teve

como sede o Consulado da Polônia, à época na Rua 13 de Maio, em Curitiba [5]. Ela manteve ainda um quarteto com o qual realizava concertos privados [6].

Em 1924, Miszke organizou o segundo concerto público, em homenagem a Waclaw Radecki, que tocou violoncelo na ocasião. Hoje Radecki é mais conhecido pelos seus trabalhos pioneiros em Psicologia no Brasil [7]. Em 30 de novembro do mesmo ano, Mieszke e a Sociedade trazem a Curitiba o já renomado pianista Mieczysław Horszowski (1892-1993), o qual se apresenta em concerto no Guayra [8].

No ano de 1925, a Sociedade Frederico Chopin já era conhecida dos curitibanos. Em 16 de maio, foi realizado um concerto em que foram apresentadas obras camerísticas e realizadas apresentações de rítmica das alunas de Eugênia. Percebe-se o nacionalismo polonês na escolha do repertório [9,10], no qual aparecem, além de Chopin, obras de Karol Szymanowski (1882-1937), Zygmunt Noskowski (1846-1908) e Ludomir Różycki (1883-1953). No repertório também se encontra uma peça composta por uma mulher, a pianista e compositora Cécile Chaminade (1857-1944). Obras essas que, além de uma contemporaneidade um tanto surpreendente, possivelmente tiveram suas *premières* brasileiras em Curitiba.

Eugênia Miszke foi igualmente pioneira, ao menos no Paraná [11], na aplicação do método Dalcroze de Rítmica, criado por Émile Jacques-Dalcroze (1865-1950). O método possui em essência ser um sistema de educação musical fundamentado em exercícios corporais [12]. A Rítmica, além da música, também recebeu atenção de Eugênia. Há uma foto sua com suas alunas de Curitiba mostrando-as em apresentação desta atividade [13].

Os Miszke viajaram para a Polônia em 14 de agosto de 1925 [14], retornando apenas em 7 de janeiro de 1926 [15]. As atividades musicais diminuíram naquele ano, entretanto as ações culturais não pararam. Em outubro, Eugênia foi



Eugênia Miszke, ao centro, com suas alunas de Rítmica durante estadia em Curitiba.
Foto obtida do IPSB [23], editada e melhorada para este artigo por Katiane Dalla Vecchia.

 MÚSICA

reeleita presidente da Sociedade Musical Frederico Chopin [16].

Eugênia Miszke, além de atuar como pianista de seu grupo, que incluía alguns músicos não profissionais ou ainda estudantes, também tocou com um instrumentista de notável carreira internacional: Bohumil Sýkora (1893-1953), violoncelista russo de origem tcheca que estudou nos Conservatórios de Kiev e Leipzig, fez carreira em Nova Iorque e foi o primeiro europeu a tocar para um Imperador do Japão [17]. Miszke acompanhou-o ao piano em obra com demanda técnica e artística, Sonata em lá maior Op. 69, Nº 3 de Beethoven, em concerto no *Theatro Guayra* em 18 de fevereiro de 1927 [18], o qual foi amplamente elogiado pela crítica, sendo destacados a firmeza e o brilho da pianista [19].

Em 24 de maio do mesmo ano, foi realizado um Concerto de Música Francesa e Italiana dos séculos XVII e XVIII no *Clube Curytibano*, que cedeu suas instalações para o evento. Chama a atenção que no programa, antes das apresentações musicais, foram proferidas “Algumas palavras sobre música e autores antigos” [20], indicando uma preocupação que hoje conhecemos como formação de plateia, em que se faz uma contextualização a respeito de compositor e obra em vez de apenas a execução musical. No dia 8 de abril seguinte, ocorreu no *Theatro Guayra*, aos auspícios de Miszke, o concerto do tenor Pedro (sic) Romanowski, no qual ela não tomou parte na execução musical. Fato interessante é que junto a compositores renomados como Wagner, Tchaikovsky e Puccini apareceram obras dos compositores poloneses Antoni Zygmunt Biliński (1869-1938) e Siergiej Aleksandrowicz Kaszewarow [21].

Ainda em 1927, Miszke participou de dois festivais com apresentações de suas alunas de rítmica e, embora não esteja explícito, é provável que ela tenha sido a pianista que as acompanhou. O primeiro festival, realizado em 29 de março, visou a arrecadação em solidariedade à viúva do jornalista Crispim Mira [22], e o outro, ocorrido no *Theatro Guayra* em 3 de dezembro de 1927, contou com várias apresentações musicais e de rítmica e foi a última atuação pública de Eugênia Miszke [23]. No ano seguinte, ela deixou definitivamente Curitiba, acompanhando seu marido, que havia sido chamado a trabalhar no Ministério da Relações Exteriores na Polônia, em função de questões políticas [24].

A forte ligação do casal Miszke com Curitiba, em particular com o ambiente da música erudita, exemplifica-se pela comunicação direta do falecimento (18/01/1934) de Eugênia à violinista Bianca Bianchi pelo então viúvo Zbigniew [25]. A proximidade de Bianchi com os Miszke é evidenciada por sua presença em evento consular, quando da visita do ministro plenipotenciário da Polônia Nicolas Juristowski em 1925 [26]. O então *Trio Paranaense* (1932-1950), formado por Bianca Bianchi ao violino, Renée Devraïne (1902-1979) ao piano e Charlotte Franck (1903-1984) ao violoncelo, organizou um concerto em homenagem à memória de Eugênia, realizado no salão da Sociedade Thalia em 23 de fevereiro de 1934 [25]. Dentre as atividades do concerto, houve a homenagem do poeta curitibano Octávio de Sá Barreto (1906-1986), destacando já à época sua

indubitável importância para o progresso da música erudita em Curitiba [6].

A última menção a Eugênia Miszke nos meios de comunicação curitibanos [27] é de 1940, em *As Papoulas Vermelhas*, do poeta e empresário Heitor Stockler (1888-1975), cujos versos de fechamento fazem referência a ela e aqui estão reproduzidos na grafia e apresentação da época:

Evoquei os bailados de Pawlóva
Pôses clássicas, fôrmas venusianas
Silhuetas
Meia luz,
Terna surdina.
Condessa Miszke,
Curityba,
Os rithmos de Schubert e Dalcroze
E as papoulas vermelhas!

Além das competências técnicas e artísticas, é inegável que Eugênia Miszke possuía também uma enorme força agregadora e capacidade de liderança. Sua agremiação musical conseguiu reunir ao seu redor músicos das mais diversas origens étnicas, como alemães, franceses, ingleses, italianos, além dos próprios poloneses, em um núcleo organizado de música erudita. O fomento à arte musical que ela promoveu influenciou todo o fazer música que veio depois. Em particular, a jovem Bianca dos anos 1920, além de tomar parte no Trio Paranaense, tornou-se uma importante e destacada professora de violino do Paraná. A promoção das artes criou um ambiente propício para a circulação e estabelecimento de intelectuais em Curitiba, como foi o caso de Tadeusz Morozowicz [2].

Convido agora o leitor a tornar-se ouvinte e apreciar a *playlist* com as músicas que outrora foram tocadas nos concertos promovidos por Eugênia Miszke. E que não esperemos 8, 80 ou 100 anos para reconhecermos as Eugênias que protagonizam ao nosso redor! Por fim, não posso deixar de agradecer a quem indiretamente me levou à pessoa de Eugênia Miszke, minha amiga Raísa Requi Jakubiak, que coincidentemente, embora seja Física, atua na área de Física Médica, é bailarina e pianista: Playlist Eugênia Miszke: <https://www.youtube.com/playlist?list=PL8XTumz1xVOL1Qa13AoTVa5tyn7EelNPP>

Referências

* Optou-se por não apresentar a data de nascimento, uma vez que a informação existente não é compatível com outros fatos de sua vida.

[1] Diário da Tarde, Curitiba, 17 ago. 1922. Cônsul da Polônia, p. 1.

[2] WACHOWICZ, Ruy Christovam e MALCZEWSKI, Zdzislaw. “Perfis polônicos no Brasil”. Curitiba: Gráfica e Editora Vicentina, 2000.

[3] Comércio do Paraná, Curitiba, 29 mai. 1923. Concerto de câmara (sic), p. 1.

[4] Comércio do Paraná, Curitiba, 25 mai. 1923. Artes e artistas: música de câmara, p. 1.

[5] O Estado do Paraná, Curitiba, 21 abr. 1925. O Sr. Ministro da Polônia, p. 8.

 MÚSICA

- [6] Diário da Tarde, Curitiba, 23 mar. 1934. Dziennik wieczorny dla spraw polkisch, p. 6.
- [7] CENTOFANTI, Rogério. Radecki e a Psicologia no Brasil. Psicologia: Ciência e Profissão ano 3, n. 1, p. 2, 1982.
- [8] O Dia, Curitiba, 28 nov. 1924. Programa do 1º concerto de Miecio Horzowski, p. 4.
- [9] O Dia, Curitiba, 13 mai. 1925. Concerto da Sociedade Frederico Chopin, p. 5.
- [10] O Dia, Curitiba, 16 mai. 1925. Theatro Guayra: Concerto da Sociedade Frederico Chopin, p. 5.
- [11] Comércio do Paraná, Curitiba, 10 mai. 1925. Última hora: A Sociedade Frederico Chopin, p. 8.
- [12] MADUREIRA, José Rafael Madureira, BANKS-LEITE, Luci. Jaques-Dalcroze: música e educação. Pro-Posições, Campinas, v. 21, p. 215, 2010.
- [13] O Estado do Paraná, Curitiba, 16 jan. 1925. Uma festa de caridade, p. 3.
- [14] O Dia, Curitiba, 14 ago. 1925. Hóspedes e viajantes: Zbigniew A. Miske, p. 5.
- [15] O Dia, Curitiba, 8 jan. 1926. Hóspedes e viajantes: Sr. Dr. Z. A. Miske cônsul da Polônia, p. 5.
- [16] O Estado do Paraná, Curitiba, 24 out. 1926. Festivaes, p. 4.
- [17] RECHICGL Jr., Miloslav. "Notable Americans of Czechoslovak

Ancestry in Arts and Letters and in Education". Authorhouse: Bloomington, 2021.

- [18] Diário da Tarde, Curitiba, 18 fev. 1927. Sykora, o grande cellista-alma, p. 6.
- [19] Diário da Tarde, Curitiba, 19 fev. 1927. Sykora, o grande cellista-alma, p. 6.
- [20] O Dia, Curitiba, 24 mai. 1927. Sociedade Frederico Chopin, p. 6.
- [21] O Dia, Curitiba, 08 abr. 1927. O interessante concerto do tenor Romanowski, p. 4.
- [22] Diário da Tarde, Curitiba, 30 mar. 1927. A solidariedade do Paraná, suavizando a dor catarinense, p. 1.
- [23] O Dia, Curitiba, 02 dez. 1927. Um festival no Theatro Guahyra, p. 6.
- [24] Zbigniew August Miske. Internetowy Polski Słownik Biograficzny, 2022. Disponível em: <<https://www.ipsb.nina.gov.pl/a/biografia/zbigniew-august-miske>>. Acesso em 12 mar. 2022.
- [25] O Dia, Curitiba, 23 fev. 1934. Trio Paranaense: Concerto em homenagem a Dra. Eugênia Miske, p. 3.
- [26] O Estado do Paraná, Curitiba, 24 out. 1926. Notas sociaes, p. 4.
- [27] Diário da Tarde, Curitiba, 20 nov. 1940. Papoulas vermelhas, p. 1.

Thiago CORRÊA DE FREITAS

Professor da UFPR, violinista, motociclista, doutor em Física, com pesquisa sobre aspectos técnicos e sociais dos instrumentos musicais. Contato: tcf@ufpr.br

 AÇÃO HUMANITÁRIA

Irena Sendler – Justa Entre as Nações

O infame Holocausto vitimou 6 milhões de judeus durante a Segunda Guerra Mundial - 1939 a 1945, mártires inocentes da tragédia engendrada por uma ideologia cruel e equivocada, o nazismo. Tragédia equivalente a dez vezes a pandemia da Covid no Brasil, que arrebatou mais de 600 mil almas até agora. Enquanto o pretense III Reich, que deveria durar 1000 anos, desapareceu encoberto pela pátina do tempo, e o Povo de Israel continuou sua caminhada de quase 6 mil anos e venceu. A Alemanha Nazista, com todo o seu poderio, foi vencida em sua agressão covarde contra civis judeus desarmados, incluindo idosos, mulheres, crianças, até recém-nascidos.

Mas havia o outro lado, os que arriscaram sua vida para salvar judeus da deportação e do assassinato. Nas colinas de Jerusalém ergue-se o Instituto Yad Vashem, museu e centro de estudos dedicado à memória do Holocausto. Entre prédios, amplos espaços abertos, se situa o Jardim dos Justos entre as Nações. Uma árvore foi plantada nesse jardim, homenageando cada um destes mais de 26 mil bravos, designados como "Justo entre as Nações", que mesmo com risco de vida não hesitaram em esconder ou ajudar judeus em perigo. Na Polônia, a pena para quem protegia os judeus era a morte, para toda a família, incluindo crianças.

Um dos Justos mais famosos é Oskar Schindler, retratado por Steven Spielberg em "A Lista de Schindler" (1993). Há também dois brasileiros, o Embaixador Souza Dantas e Aracy de Carvalho, o Anjo de Hamburgo. Entre os poloneses, cabe destacar uma mulher de extraordinária coragem, Irena Sendler (1910-2008), de abençoada memória, que chefiou a seção infantil da Żegota, o Con-

selho de Ajuda aos Judeus. Enfermeira de Varsóvia, era conhecida como "O Anjo do Gueto". Ela tirava crianças judias de dentro do Gueto de Varsóvia e as escondia com famílias católicas pela cidade. Irena foi presa pela Gestapo e torturada na infame prisão de Pawiak. No dia previsto para a execução, a resistência conseguiu libertá-la, subornando os guardas.

Irena ajudou a salvar 2.500 crianças judias, tendo sido autorizada a entrar no gueto como enfermeira que era, portando credencial do Gabinete Sanitário, entre cujas tarefas estava a luta contra as doenças contagiosas. Os alemães invasores temiam que a epidemia de tifo dentro do gueto se espalhasse, e permitiam que poloneses colaborassem para evitar a propagação da doença. Irena utilizou a sua permissão de entrada e saída do gueto para levar consigo crianças escondidas em sacos, cestos de lixo, caixas de ferramentas, carregamentos de mercadorias, sacos de batatas, até caixões transformavam-se em uma via de fuga. Ela manteve também um arquivo no qual registrava os nomes e dados das crianças e as suas novas identidades.

Em outubro de 1943 as atividades de Irena foram descobertas pela Gestapo, e ela foi levada para a prisão de Pawiak, onde foi brutalmente torturada, entretanto nada revelou dos nomes e endereços das famílias que albergavam crianças judias, negando-se a trair seus colaboradores. Foi condenada à morte, mas a Żegota conseguiu subornar os alemães, e Irena foi retirada da temida prisão de Pawiak, continuando a operar sob identidade falsa.

Após a guerra, lamentavelmente, a maior parte das famílias das crianças escondidas tinha sido morta nos

AÇÃO HUMANITÁRIA

campos de extermínio nazistas. Elas foram abrigadas em orfanatos e posteriormente enviadas para a então Palestina. Essas crianças só conheciam Irena pelo seu nome em código, "Jolanta". Anos depois, quando sua fotografia apareceu nos jornais, ao ser premiada pelas suas ações humanitárias durante a guerra, um homem lhe telefonou: "Lembro-me de seu rosto. Foi você quem me tirou do gueto." E assim começou o reconhecimento público das suas ações, até que em 1965 o Yad Vashem lhe outorgou o título de Justa entre as Nações. Foi também nomeada cidadã honorária de Israel.

Não era judia, mas se recusou a



Irena Sendler. Fonte da imagem:
<https://www.mdig.com.br/index.php?itemid=2762>

olhar para o outro lado. Aquela que teve o mérito em sua vida, de honrar o preceito do Talmud: "Quem salva uma vida, salva toda a Humanidade!" Na noite negra que se abateu sobre a Europa em chamas, onde uma vida humana poderia valer um mísero quilo de açúcar, pago pelos perpetradores nazistas a seus colaboradores, ela poderia ter sido apenas mais uma entre os milhões de simples espectadores, a quem a dor do seu semelhante pouco significava, poderia alegar que não viu nada, não sabia de nada, poderia simplesmente se omitir, como tantos o fizeram. Ou, pior, poderia colaborar com o inimigo, traindo seus concidadãos, para auferir vantagens pessoais.

Estas almas bondosas ocupam um lugar especial nos corações judaicos, designadas como JUSTOS ENTRE AS NAÇÕES, os que foram sensíveis ao sofrimento alheio, salvando vidas sem receber nada em troca, assim como Batya, a filha do faraó, que desobedeceu às ordens de matar os primogênitos hebreus, salvando assim a Moisés. Sua história comovente de coragem e sacrifício ficará eternamente gravada em letras de fogo na História Judaica. Não poderia existir mais sublime demonstração de amor do que salvar a vida de um semelhante, arriscando a própria. Pois esta é a condição sine qua

non para ser declarado um Justo: além de não ser judeu, ter arriscado a própria vida, nada tendo recebido em troca, enfrentando o risco da punição suprema – a morte imediata para todos que residissem na sua casa.

Em 2003 o Presidente da República Polonesa Aleksander Kwaśniewski concedeu-lhe a mais alta distinção civil da Polônia: a Ordem da Águia Branca. Irena faleceu em Varsóvia em 2008, aos 98 anos. Ela foi um dos últimos heróis da sua geração, tendo demonstrado força, convicção e valor extraordinário frente ao mal que se abateu sobre a Humanidade. Ao recordar toda essa história de luta, sofrimento e glória, hoje renovamos aqui nosso compromisso do Dever de Memória para com aquela que foi Justa. Irena Sendler nos legou sua fé inquebrantável, seu espírito de luta, para ser transmitido de geração em geração.

*Holocausto Nunca Mais!
 Contra quem quer que seja,
 em qualquer lugar!*

Israel BLAJBERG

Nascido no Rio de Janeiro, seus pais emigraram de Ostrowiec. Engenheiro, professor, tradutor, jornalista. Autor de livros, artigos e palestras sobre temas poloneses, brasileiros e judaicos, II Guerra Mundial, Holocausto e Genealogia. Realizou diversas viagens de estudo à Polônia, tendo recebido 5 condecorações do Governo Polonês e Associações de Ex-Combatentes.

CIÊNCIA

Madame Skłodowska-Curie

Maria Salomea Skłodowska nasceu em Varsóvia, em 7 de novembro de 1867. Até hoje, foi a única mulher duas vezes laureada com o prêmio Nobel: em física (1903, quando dividiu o prêmio com Pierre Curie, seu marido, e com Antoine Henri Becquerel) e; em química (1911). Ademais, consta ter sido a primeira professora da mui prestigiada Universidade de Sorbonne.

Maria Skłodowska passou a infância em sua cidade natal, Varsóvia. A Varsóvia em que nasceu, contudo, não ficava na Polônia. Nem mesmo Polônia havia. Seu pai, Władysław Skłodowski, e sua mãe, Bronisława Boguska, eram professores. As famílias de ambos tiveram participação ativa no Levante

de Janeiro (1863-1865), o que lhes levou a uma difícil situação financeira.

As leis da época proibiam que mulheres frequentassem o ensino superior. Por conta disso, sua irmã mais velha, Bronisława, não pôde dar sequência a seus estudos. Esta situação revoltou Maria, que conseguiu um emprego para que pudesse sustentar sua irmã na França, onde as mulheres podiam frequentar a universidade.

Anos mais tarde, em 1891, a própria Maria partiria para a França, a fim de estudar. E foi na mesma França que Maria passou a ser conhecida como Marie e acabaria por se casar com o físico Pierre Curie, em 16 de julho de 1895.



Marie Curie - Autor e data desconhecidos. Disponível em
https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Marie_Curie_Tekniska_museet.jpg

CIÊNCIA

Maria, agora Marie Skłodowska-Curie, e seu marido foram responsáveis por grandes avanços nos estudos referentes ao fenômeno da radiação, razão pela qual ganharam, em 1903, o Nobel de física.

Pierre falece três anos depois, em 1906.

Em 1911, Maria recebe pela segunda vez o Nobel, desta vez em química, pela “descoberta do rádio e do polônio, pelo isolamento do rádio e pelo estudo da natureza e da composição deste elemento”.

As contribuições da grande cientista não podem ser esquecidas por diversos motivos. Embora as circunstâncias de sua vida a tenham afastado de sua terra natal, Maria era uma grande patriota e nomeou o polônio em homenagem à sua pátria. Também dá testemunho de seu amor à terra natal o fato de começar suas falas públicas com a expressão *je suis née à Varsovie* (eu nasci em Varsóvia).

Mas mais fundamental, parece-me, é um outro plano. Nossa cultura decidiu que a ciência é um espaço

de homens, um espaço masculino. Maria precisou sair de sua terra para poder estudar – era mulher. Maria enfrentou machismo em sua carreira acadêmica. Se olharmos a lista de laureados com o Nobel de física ou química, veremos um número bastante reduzido de mulheres (interessantemente, uma das laureadas foi, justamente, Irène Joliot-Curie, filha de Maria Skłodowska-Curie).

Maria Skłodowska-Curie morreu em 4 de julho de 1934, poucos meses após retornar de uma viagem à Polônia, vitimada por uma anemia aplástica, consequência da exposição à radiação que sofreu ao longo de sua vida.

Que a memória desta grande cientista seja sempre lembrada!

Luiz Henrique BUDANT

Professor substituto de língua polonesa na UFPR. É aluno do programa de Pós-Graduação em Letras da mesma instituição. Se interessa por poesia e prosa em geral, especialmente da Polônia do entreguerras.

AQUI MAR DEL PLATA

Marie Curie – O valor do conhecimento

Tendo como local o Museu Bruzzone, o Cine Polaco Mar del Plata projetou o filme Marie Curie – O valor do conhecimento. Trata-se de uma coprodução franco-polonesa-alemã de 2016, com a duração de 95 minutos e a direção da francesa Marie Noëlle. Uma extraordinária obra-prima da atriz polonesa Karolina Grudzka no papel de Marie Curie. O filme se desenvolve entre os anos 1903 e 1911, quando a cientista polonesa recebe primeiro o Prêmio Nobel de Física, e depois o de Química.

Maria Skłodowska nasceu em Varsóvia, território polonês ocupado, em 1867. Em 1891 se estabeleceu na França, onde se casou com o doutor e cientista Pierre Curie em 1895. Foi a primeira mulher a ganhar um Prêmio Nobel e também a primeira a ganhar dois desses prêmios. Juntamente com seu esposo, dedicou-se de corpo e alma ao descobrimento e ao estudo do rádio e das suas aplicações terapêuticas, conseguindo um desenvolvimento que determinou um importante avanço em seu uso na medicina. Karolina Grudzka interpreta uma mulher apaixonada pela sua vida científica e que em 1906, ao enviuvar, deve enfrentar uma sociedade patriarcal que menospreza os seus estudos e desenvolvimentos práticos. A sua luta para poder lecionar na Universidade Sorbonne em Paris. O escândalo que provoca o romance com seu colega e físico Paul Langevin (interpretado por Arieh Worthalter) e o assédio dos jornalistas e dos círculos sociais, que a difamavam como adúltera. A Paris do início do século XX e seus conceitos morais puritanos e machistas que restringiam a liberdade individual feminina e pressionavam com a opinião pública o desenvolvimento intelectual das mulheres. Vemos e admiramos uma Marie Curie na vanguarda das mulheres que buscavam uma nova posição na sociedade. A fotografia é de Michał Englert, e a música, de Bruno Coulais.

Prestem atenção na cena final do filme, onde Marie avança em sua carreira e sua filha Irene a segue passo



Marie Curie é símbolo de Universidades internacionais, para pesquisa em Ciência.

Fonte da imagem: <https://fr.u-paris.fr/actualites/projets-marie-curie-individuels-msca-individual-fellowships>

a passo. A filha toma a mãe como modelo, e assim foi o destino: em 1935, Irene ganhou o Prêmio Nobel de Química. Finalizando o filme, junto com a ficha técnica, e em algumas cenas de rua atuais, Marie Curie pedalando a sua bicicleta ou caminhando junto a ela se mistura com as pessoas e cruza com outras personagens da época. A diretora nos quer dizer que os descobrimentos científicos daquela época nos acompanham hoje e vivem junto conosco? Vocês podem opinar. Marie Curie, excelente obra da sétima arte. Parabéns a Karolina Grudzka e Marie Noëlle.

Eduardo Román SZOKALA

Mar del Plata.

Verso (Es) Trova



Ilustração de Jacek Yerka (Torun/PL, 1952)

*Sempre é tempo, louvemos
a todas mulheres já reconhecidas,
mas também as milhares que, dia a dia,
lutam para romper preconceitos e paradigmas.*

*Trabalham, amam, criam e transformam
a arte, a ciência e a sociedade
para que sejam melhores do que já foram,
com paz, progresso e liberdade.*

*Poetas, escritoras, artistas, professoras, cientistas, doutoras
- tão importantes como tantas outras -
freiras, operárias, camponesas...*

*Polônicas, polonesas ou polacas,
anônimas, famosas, esquecidas ou lembradas,
progenitoras desta humanidade à qual todos pertencemos.*

Claudio BOCZON

Artista plástico, poeta e polaco – não necessariamente nesta ordem. Sua produção é criada a partir de elementos, histórias e memórias remanescentes do passado ou encontradas no cotidiano.

DIÁRIO DE BORDO

21 dias no mar a bordo do “General Prądzyński”

A seguir a postagem número 7 sobre a viagem à Polônia no navio cargueiro “General Prądzyński”, que as artistas Dulce Osinski e Everly Giller fizeram em agosto de 1985. São textos informais que foram escritos para suas famílias. O primeiro texto foi compartilhado no TAK! 19 e a cada novo número do boletim o diário é atualizado.

Atlântico Norte, 15 de agosto de 1985 - por Everly Giller

Faltam uns doze dias para atracarmos em Świnoujście, porto polonês.

Ainda não comentei, mas este navio está carregado com minério de ferro brasileiro e por toda parte encontramos este pó brilhante que chega a incomodar. Nossos pés ficam brilhando...As Ilhas Canárias já estão bem perto, segundo os mapas.

Talvez avistemos Portugal e a Inglaterra também, onde passaremos mais perto. O céu noturno está completamente mudado e já posso avistar a Estrela Polar ou do Norte, invisível no Brasil. Hoje quero ver a constelação de Touro, que começa a aparecer. A de Escorpião é difícil de visualizar, pois se confunde com muitas novas estrelas que aparecem ao seu redor.

Ontem o oceano ficou bem opaco, pois passamos duas vezes por nuvens de chuva. Pensava que ia achá-lo monótono, mas é algo deslumbrante de se observar. Modifica-se a cada instante e sempre algo novo me surpreende: manchas mais escuras, brilhos no horizonte, visitantes eventuais e principalmente a cor. É lindo demais! Fico hipnotizada por horas admirando-o.

À noite, outro espetáculo! O céu sem poluição destacando as estrelas que não vemos aí. Não se pode enxergar nada, e o navio é guiado somente por instrumentos. Conversava outro dia com a Dulce sobre a navegação de outrora, de como o homem aprendeu a se guiar pelas estrelas...

As aulas de polonês continuam. Dou muitas risadas com os marinheiros. Parecem crianças se xingando em

português. Até o Capitão entrou na brincadeira e dias atrás começou a folhear o dicionário, quando de repente chamou um marujo: Hei, traficante! Foi muito engraçado mesmo! O Capitão é muito atencioso e profissional. Faz 33 anos que navega e isto transparece em seu olhar azul. Agora posso entender como estes homens conseguem ficar tantos anos ininterruptos trabalhando no mar. É um mundo ímpar, fascinante e muito interessante. Sinto-me muito bem aqui, em paz.

Posição atual: estamos exatamente a 5.000 km de casa e à direita das Ilhas Verdes.

Dulce OSINSKI

Artista paraense de Irati. Em 1983 formou-se em Pintura e Licenciatura em Desenho na EMBAP/Curitiba. Mais tarde, cursou por 2 anos o ateliê de Gravura em Metal da Academia de Belas Artes em Cracóvia/Polônia. É professora do Programa de Pós-graduação em Educação da UFPR, com mestrado e doutorado em Educação. Mora em Curitiba.

Everly GILLER

Artista e professora. Em 1983 formou-se em Pintura e Licenciatura em Desenho na EMBAP/Curitiba. Depois, estudou por 2 anos no ateliê de Gravura em Metal da Academia de Belas Artes em Cracóvia/Polônia. Formada em Letras-Polonês pela UFPR. Mora em Varsóvia/Polônia.



Aquarela de Dulce Osinski, 2021

“Poloneses para o Brasil”

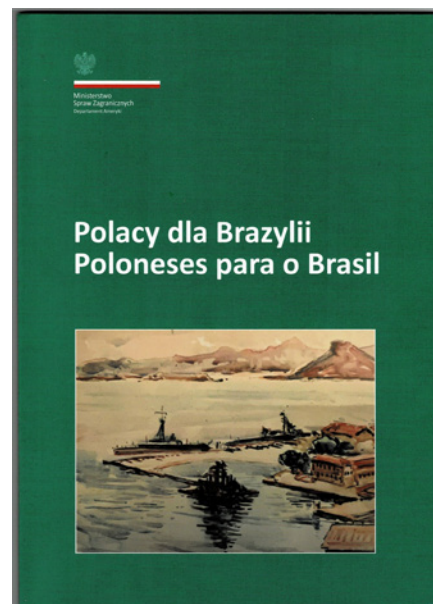
No último mês de abril o Ministério das Relações Exteriores da República da Polônia em Varsóvia lançou o livreto intitulado “Poloneses para o Brasil” (Polacy dla Brazylii). A publicação é ilustrada, contém 100 páginas e é bilingue, com tradução para o português feita pelo professor Eduardo Nadalin.

O livreto, que foi escrito a duas mãos, pelo professor Jerzy Mazurek e pelo embaixador Marek Makowski, resgata a importante e valiosa contribuição dos poloneses ao Brasil e cita sem rodeios personalidades das diversas áreas, como ciências, cultura e sociedade em

geral. Seu conteúdo, que abrange vultos desde a primeira imigração até a atualidade, surpreenderá positivamente o leitor. Sem dúvida, além de preencher uma lacuna nesta área, a publicação servirá de guia sobretudo para pesquisadores e historiadores.

Segundo informações, em breve a publicação estará disponível aos interessados através do Consulado Geral da República da Polônia em Curitiba.

Texto de **Everly GILLER**
Varsóvia/PL



Capa do Livro Poloneses para o Brasil. Foto: Divulgação

KUCHNIA POLSKA I BRAZYLIJSKA / CULINÁRIA POLONESA E BRASILEIRA

Czebureki



Fonte da Imagem: <https://www.przepisy.pl/przepis/czebureki-nadziewane-miesem-mielonym>

O mês de maio é um dos mais românticos do ano, a vida depois do inverno está a todo vapor. Eu estava pensando em uma receita para esse mês, e me lembrei do ano passado, em que eu estava trabalhando como tradutor para uma empresa polonesa, aqui mesmo no Brasil perto de São Paulo, com uma turma de poloneses e ucranianos. Como as coisas mudaram nos últimos meses! especialmente para os meus amigos da Ucrânia, e na Polônia agora também as coisas

estão bem diferentes. No fim do inverno europeu de 2022, a Rússia atacou a Ucrânia, alguns dos meus amigos estão lutando agora pela pátria, alguns perderam as casas que foram bombardeadas, tudo se modificou e tudo virou de cabeça para baixo.

Como eu gosto de cozinhar, não deixei de lado a cozinha durante o tempo em que trabalhava como tradutor, preparava muitas vezes pratos diferenciados na casa em que todos morávamos, mas algumas vezes alguém

se prontificava a fazer algo diferente para saborearmos. Um deles era o Yuri, um ucraniano descendente de poloneses, uma pessoa muito alegre que logo de cara se apaixonou pelo Brasil. Hoje trago a receita dele no lugar da polonesa, porque não paro de pensar que neste momento há mais de 3 milhões de refugiados da Ucrânia na Polónia, tudo muito diferente e triste.

O nome do prato que ele preparou na época foi o Czebureki, que é um tipo de pierogi, mas ao invés de cozidos eles são fritos. Os recheios são parecidos com os dos pierogi tradicionais. É um prato muito saboroso e bastante fácil de fazer. Eu me recordo que quando o Yuri preparava o Czebureki a cozinha ficava coberta de uma poeira branca, tinha farinha em todas as partes e superfícies. Vamos partir para receita, os ingredientes:

Massa

- 2,5 a 3 xícaras de farinha de trigo
- 100 a 150 ml de água morna
- 25 ml de “espírito” ou 50 ml de vodka
- uma colher de chá de sal
- uma pitada de açúcar
- 5 colheres de sopa de óleo
- 1 ovo

KUCHNIA POLSKA I BRAZYLIJSKA / CULINÁRIA POLONESA E BRASILEIRA

Misture a farinha com o sal, açúcar, álcool, óleo e a água morna. Adicione o ovo e o amasse até que a massa fique lisa e elástica e possa formar uma bola compacta. Deixe na geladeira por 30 minutos ou mais (a massa pode ser usada mesmo em poucos dias).

Recheio

- carne picada
- cebola
- alho
- especiarias (curry, sal, pimenta, páprica, cominho moído)
- dill (koperek)
- salsa

Corte e frite a cebola, adicione a carne e continue fritando. Adicione o alho e os temperos e frite tudo por um

tempo, adicione salsa e dill. Abra a massa bem fina, e corte usando uma placa de círculos do tamanho de um prato, ou metade dos círculos do tamanho da panela onde vai fritar. Na metade da massa colocamos o recheio e cobrimos com a outra metade, colamos cuidadosamente as bordas para não entrar óleo. Frite cada lado em gordura abundante por alguns minutos até dourar e formar bolhas. Você também pode assar o Czebureki no forno, mas não é o mesmo sabor.

Bon appetit, Smacznego!

Grzegorz MIELEC

Há 15 anos no Brasil, bem conectado com a Polônia, trabalha na Casa Sanguszko de Cultura Polonesa em São Paulo preparando almoços na Capelania Polonesa, repassando os sabores da culinária guardados na memória da época de infância e adolescência.

DESVENDANDO A LÍNGUA POLONESA

O Caso Instrumental

O caso instrumental (*narzędnik*) normalmente indica o instrumento de uma ação, mas é também utilizado em diversas situações em que essa ideia de “instrumento” se desvanece. Vejamos alguns exemplos:

a) Ideia de instrumento

Jedziemy do miasta autobusem. Vamos à cidade de ônibus.

On machnął ręką. Ele acenou com a mão.

b) Quando falamos da profissão, da nacionalidade etc. de alguém:

Jestem lekarzem. Sou médico.

Ona jest aktorką. Ela é atriz.

Jestem Brazylijczykiem. Sou brasileiro.

Ona jest Polką. Ela é polonesa.

c) Com certas preposições:

Przyjechałem z moim bratem. Vim com meu irmão.

Usiadłem przed domem. Sentei-me diante da casa.

d) Com certos verbos:

On interesuje się filmem. Ele se interessa pelo cinema.

Ona opiekuje się dzieckiem. Ela cuida da criança.

e) Em certas expressões:

przypadkiem por acaso

wieczorem à noite

Esquema das flexões do instrumental**1. Substantivos**

No Singular	Regra	Exemplos
masculinos e neutros		
samolot avião	desinência -(i)em	samolotem
metro metrô		metrem
statek navio		statkiem
ojciec pai	desinência -i(em) com	ojcem
mąż marido	alteração no radical	mężem
uczeń aluno		uczniem
stół mesa		stołem

Femininos e Masculinos em -a	Regra	Exemplos
pani senhora	desinência -ą	panią
winda elevador		windą
kolej ferrovia		koleją
dentysta dentista	desinência -ą com	dentystą
łódź barco	alteração no radical	łodzią

No Plural	Regra	Exemplos
pan senhor	desinência -ami (em	panami
kolega companheiro	todos os casos)	kolegami
kobieta mulher		kobietami
auto automóvel		autami

2. Adjetivos (e palavras que se comportam como adjetivos)

No Singular	Regra	Exemplos
masculinos e neutros		
pociąg pośpieszny	desinência -ym ou	pociągiem
trem expresso	-im (depois de k, g,	pośpiesznym
wysoki chłopiec	consoante branda)	wysokim chłopcem
menino alto		

No Singular	Regra	Exemplos
femininos		
kolejka linowa	desinência -a	kolejką linową
teleférico		
moja koleżanka		moją koleżanką
minha amiga		

1) Em casos raros, ocorre também a desinência -mi (às vezes com alterações no radical):

bracia irmãos – **braćmi**, **dzieci** crianças – **dziećmi**, **konie** cavalos – **końmi**, **pieniądze** dinheiro – **pieniędzmi**, **przyjaciele** amigos – **przyjaciółmi**.

Mariano KAWKA

Professor, tradutor, lexicógrafo. Licenciado em Letras Português-Inglês pela PUC-PR e Mestre em Língua Portuguesa pela mesma Universidade. Autor do Dicionário Polonês-Português/Português-Polonês, publicado em 2015 no Brasil (Porto Alegre) e na Polónia (Varsóvia).



O Polakach, Ukraińcach, Rosjanach i Brazylijczykach

Gdy kremlowskie szefostwo próbuje zbrojnie i propagandowo doprowadzić do unicestwienia Ukrainy, Polska i Polacy, najlepiej jak mogą i potrafią, wspierają Ukrainę i pomagają jej mieszkańcom. Rosyjska polityka imperialnej agresji jest w Polsce dobrze znana. Polska była wielokrotnie jej ofiarą. Po dokonanych z inicjatywy rosyjskiej, pod koniec XVIII wieku, rozbiorach Polski nasze państwo na ponad 120 lat zniknęło z map świata. Podczas II Wojny Światowej demony rosyjskiej okupacji i przemocy wróciły. Był zdradziecki najazd 17 września, był Katyń, były tortury i morderstwa oraz masowe wywózki na Syberię. Po zakończeniu wojny sterroryzowana przez stalinizm Polska, wbrew woli większości społeczeństwa, na ponad 40 lat utknęła za tzw. żelazną kurtyną. Odebrano Polakom prawo do realnej demokracji i suwerenności, a kraj tracił gospodarczy dystans do szybko rozwijających się zachodnioeuropejskich państw demokratycznych. Polaków nie trzeba przekonywać, że rządzonej przez despotów Rosji nie wolno ufać. Dopóki Rosja nie wkroczy na prawdziwą, a nie udawaną ścieżkę pokoju i demokracji, nie pozbędzie się agenturalnego podejścia do polityki oraz skorumpowanych elit, pławiących się w wyuzdanym luksusie jak dawna patologiczna arystokracja, nie powinno być dla niej miejsca na arenie współpracy międzynarodowej. Dopóki jej władze nie otrząsną się z tkwiącej w politycznym średniowieczu imperialnej manii wielkości Rosja

powinna być izolowana, tak jak ze zdrowej społeczności izoluje się w zakładach zamkniętych złodziei, zbrodniarzy i psychopatów stanowiących zagrożenie.

Więzy przyjaźni łączące Polskę i Ukrainę są mocne. Polska, jako pierwsze państwo na świecie, uznała w dniu 2 grudnia 1991 r. niepodległość Ukrainy. Choć wcześniejsza historia relacji polsko-ukraińskich, jak to między sąsiadami bywa, nie jest pozbawiona zdarzeń tragicznych, które pozostawiły otwarte rany, nie jest w interesie obu państw nieustające rozliczanie wzajemnych krzywd. Obecnie nasze braterstwo wzmacniane jest wspólną obroną najważniejszych międzynarodowych wartości: prawa do samostanowienia narodów, przestrzegania praw człowieka, demokracji, nienaruszalności granic i sprawiedliwości. Niedostatek tych wartości w latach minionych był źródłem wszystkich wzajemnych konfliktów oraz popełnionych zbrodni. Ukraina i Polska, w przeciwieństwie do Rosji, przyswoiły sobie wymienione wzorce postępowania, są one dowodem postępu cywilizacyjnego i mądrości społeczeństw uczących się na własnych błędach.

Polaków i Ukraińców łączy dziedzictwo wspólnej historii i kultury. Łączy ich również to, że w XIX i na początku XX wieku, wiele rodzin polskich i ukraińskich wyemigrowało z przeludnionych galicyjskich wsi do Brazylii. Przywieźli ze sobą podobne uzdolnienia i pracowitość,

znajomość rolnictwa, wspólne ludowe zwyczaje i zamiłowanie do folkloru oraz gastronomię bazującą na barszczu i pierogach. Prudentópolis, Irati, Mallet, Rio Azul i wiele innych parańskich miejscowości stało się miejscem zamieszkania polskich i ukraińskich sąsiadów przybyłych z Europy. Ich społeczności doświadczyły podobnych losów w nowej ojczyźnie, wyrzeczeń, trudów, ale również wielu sukcesów i osiągnięć.

Tę zbieżność kultury i tradycji polskich i ukraińskich osadników w Paranie pięknie przedstawił znany fotograf João Urban w znakomitej wystawie fotograficznej pt. „Zbliżenia”, która w roku 2016 była równocześnie prezentowana w Brazylii, Ukrainie i w Polsce.

Brazylijczycy polskiego i ukraińskiego pochodzenia dobrze ze sobą współpracują na niwie kulturalnej. Istnieje wiele małżeństw mieszanym. Do niedawna organizowano liczne wycieczki z Brazylii łączące zwiedzanie Polski i Ukrainy. Gdy w Kurytybie działał zawodowy ukraiński konsulat odwiedzałem z konsułami ukraińskimi polonijne i ukraińskie miejscowości w Paranie. Decyzją Rady Miejskiej Irati, podczas jednej z takich podróży w 2001 roku, konsulom Polski i Ukrainy nadano tytuły honorowych mieszkańców miasta.

Nie zawsze jednak konsulowie Polski i Ukrainy mieli tyle szczęścia i powody do dumy. Anegdota, którą przytoczę dotyczy bogatego brazylijskiego przedsiębiorcy z branży



Foto do autor em visita a Irati junto com o Cônsul da Ucrânia - Rio corrente 2001. / Zdjęcie autora z wizyty z konsulem Ukrainy w Irati – Rio Corrente w 2001 r.

 MEMÓRIAS DE UM CÔNSUL APOSENTADO

gastronomicznej, będącego potomkiem niezwykle zasłużonego działacza polonijnego końca XIX w. Podczas spotkania próbowałem go namówić, aby włączył się, jako sponsor, w nurt polonijnej działalności kulturalnej. Na co on, oświadczył mi, że to nieporozumienie, bo przecież on jest Ukraińcem. Przy nadarżającej się okazji przekazałem tę informację zaprzyjaźnionej konsul Ukrainy. Gdy odwiedziła go, składając zbliżoną do mojej propozycję dotyczącą wspierania ukraińskiej działalności kulturalnej usłyszała że to nieporozumienie, bo przecież on jest Polakiem. Ostatecznie uznaliśmy z Panią konsul, że to ani Polak ani Ukraińiec, tylko skąpiec, na którego fladze widnieje wąż w kieszeni.

Sobre poloneses, ucranianos, russos e brasileiros

Enquanto os chefões do Kremlin tentam destruir a Ucrânia com armas e propaganda, a Polônia e os poloneses dão todo o apoio à Ucrânia e ajudam seus habitantes. A política de agressão imperial russa é bem conhecida na Polônia. Nosso país foi vítima dela muitas vezes. Após a partição da Polônia no final do século XVIII, realizada por iniciativa da Rússia, nosso país desapareceu dos mapas do mundo por mais de 120 anos. Durante a Segunda Guerra Mundial, os demônios da ocupação e violência russas retornaram. Houve uma invasão traiçoeira em 17 de setembro, houve Katyń, houve torturas e assassinatos, bem como deportações em massa para a Sibéria. Após o fim da guerra, a Polónia, aterrorizada pelo stalinismo, contra a vontade da maioria da sociedade, ficou entre os países da chamada Cortina de Ferro. Os poloneses foram privados do direito à democracia e soberania reais, e o país estava perdendo distância em relação às democracias da Europa Ocidental em desenvolvimento econômico. Os poloneses não precisam ser convencidos de que uma Rússia governada por déspotas não é confiável. Enquanto a Rússia não embarcar em um caminho real, não fingido de paz e democracia, não se livrar de suas atitudes de manipulação em massa da política através de serviços secretos e não se livrar das elites

corruptas que se deleitam no luxo devasso como a antiga aristocracia patológica, não deve haver lugar para esse país na arena da cooperação internacional. Enquanto suas autoridades não afastarem a mania imperial de grandeza, estagnada politicamente nos valores da Idade Média, a Rússia deve ficar isolada, como ladrões, criminosos e psicopatas que representam uma ameaça são isolados de uma comunidade saudável em ambientes fechados.

Os laços de amizade que unem a Polónia e a Ucrânia são fortes. A Polónia foi o primeiro país do mundo a reconhecer a independência da Ucrânia em 2 de dezembro de 1991. Embora a história das relações polono-ucranianas anteriores, como acontece entre vizinhos, não seja desprovida de eventos trágicos que deixaram feridas abertas, não é do interesse de ambos os países constantemente prestar contas dos erros mútuos. Pensa-se no futuro. Hoje, nossa irmandade é fortalecida pela defesa conjunta dos valores internacionais mais importantes: o direito à autodeterminação dos povos, o respeito aos direitos humanos, a democracia, a inviolabilidade das fronteiras e a justiça. A escassez desses valores nos anos passados foi a fonte de todos os conflitos mútuos e dos crimes cometidos. A Ucrânia e a Polónia, ao contrário da Rússia, assimilaram os corretos padrões políticos mencionados, que são a prova do progresso e da sabedoria das sociedades que aprendem com seus próprios erros.

Poloneses e ucranianos compartilham a herança de história e cultura comuns. Eles também estão unidos pelo fato de que, no século XIX e início do XX, muitas famílias polonesas e ucranianas emigraram de vilas superpovoadas da Galícia para o Brasil. Eles trouxeram consigo talentos e diligências semelhantes, conhecimentos de agricultura, costumes comuns e paixão pelo folclore, além de uma gastronomia baseada em borscht e pierogi. Prudentópolis, Irati, Mallet, Rio Azul e muitas outras regiões paranaenses tornaram-se o local de residência de vizinhos poloneses e ucranianos vindos da Europa. Suas comunidades experimentaram destinos semelhantes

em sua nova pátria, austeridades, dificuldades, mas também muitos sucessos e conquistas. Essa convergência da cultura e das tradições dos colonizadores poloneses e ucranianos no Paraná foi lindamente apresentada pelo famoso fotógrafo João Urban em sua excelente exposição fotográfica intitulada "Aproximações", que em 2016 foi apresentada simultaneamente no Brasil, na Ucrânia e na Polónia.

Brasileiros de origem polonesa e ucraniana trabalham juntos no campo cultural. Há muitos casamentos mistos. Até recentemente, várias agências de turismo do Brasil ofereciam pacotes para visitar numa mesma viagem a Polónia e a Ucrânia. Quando havia um consulado de carreira ucraniano em Curitiba, várias vezes visitei juntamente com cônsules ucranianos vilarejos polônicos e ucranianos no Paraná. Por decisão da Câmara Municipal de Irati, em uma dessas viagens, em 2001, os cônsules da Polónia e da Ucrânia receberam o título de cidadãos honorários.

No entanto, os cônsules da Polónia e da Ucrânia nem sempre tiveram tanta sorte e motivos de orgulho. A anedota que vou citar diz respeito a um rico empresário brasileiro do setor de gastronomia, descendente de um ilustre líder polônico do final do século XIX. Durante o encontro, tentei convencê-lo a se juntar, como patrocinador, a uma organização de eventos culturais polônicos. Fui então informado que se tratava de um mal-entendido, porque ele era ucraniano. Quando surgiu a oportunidade, passei essa informação à cônsul da Ucrânia. Quando ela o visitou, apresentando uma proposta semelhante à minha, relativa ao apoio às atividades culturais ucranianas, ouviu que se tratava de um mal-entendido, porque ele era polonês. No final, juntamente com a cônsul, concordamos que ele não era nem polonês nem ucraniano, mas sim um avaro com uma mão de vaca figurando em sua bandeira.

Marek MAKOWSKI

Nascido em Varsóvia, formado em economia pela Escola Geral de Planejamento e Estatística da mesma cidade. Em 1979 iniciou a carreira diplomática no Ministério das Relações Exteriores da Polónia. Cônsul em Curitiba nos anos 1986-1991; 1995-2001; 2012-2018. Nos anos 2004-2008 foi Embaixador da República da Polónia no Panamá. Condecorações brasileiras: "Ordem do Pinheiro" do Estado do Paraná; "Cidadão Honorário" de Curitiba, Irati/PR, e Áurea/RS.

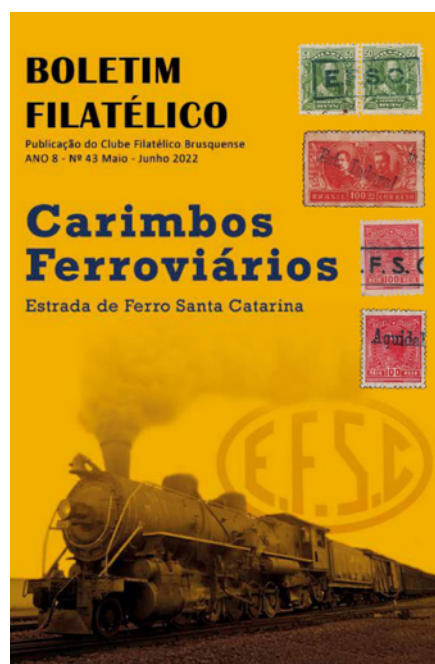


DIVULGAÇÃO

Boletim Filatélico

Prezado Leitor,

Temos a satisfação de apresentar a edição nº 43 do BOLETIM FILATÉLICO, maio/junho 2022, realização do Clube Filatélico Brusquense, recebido de seu Presidente, Paulo Krieger Filho.



Para os que desejarem receber as edições gratuitamente, entrar em contato:

Clube Filatélico Brusquense
Caixa Postal 212
88.353-970
Brusque - Sta. Catarina
jorgekrieger@uol.com.br

Jorge Paulo KRIEGER FILHO
Presidente.



OFICINA DE CIANOPIA

Impressão fotográfica do século XIX



Local: Casa da Cultura Polônia Brasil
Endereço: Rua Ébano Pereira, 502, Centro.
Informações e inscrições:
Whatsapp: (41) 99141-2237
Email: contato@poloniabrasil.org.br

Curitiba - PR

CASA DA CULTURA
POLÔNIA
BRASIL

UWAGA!

*Curso de polonês
Intensivo de inverno*

Uczmy się razem

**Informações e
matrículas:**



idioma@poloniabrasil.org.br



+55 (41) 99141-2237



Apoio:
Consulato Geral
da República da Polónia
em Curitiba

"Este projeto é cofinanciado com os recursos
do Ministério das Relações Exteriores
da República da Polónia".

Matrículas abertas:

Período: 04.07.2022 a 29.07.2022
Carga horária: 30 horas
Curso ONLINE

POLONÊS I

14h às 16h30
Seg, qua e qui

POLONÊS II

18h30 às 21h
Seg, qua e sex

POLONÊS III

18h30 às 21h
Seg, qua e qui

Valor de cada curso INTENSIVO:

R\$ 380,00 para associados CCPB ou
R\$ 540,00 para não associados.
Desconto família R\$ 20,00 a partir da 2ª pessoa.
Valores parcelados em até 2x no cartão de crédito
(presencialmente na CCPB).
Valor anuidade 2022 (jan a dez) para associar-se
(família) - R\$ 180,00.

Realização:



Apoio:



Consulato Geral
da República da Polónia
em Curitiba



Rzeczpospolita Polska
Ministerstwo
Spraw Zagranicznych

"Este projeto tem o apoio do Consu-
lado Geral da República da Polónia
em Curitiba"